

ÁGORA



EDITORA UEMA

COLETÂNEA DE



FRONTONZAS

ORG.: FABÍOLA DE JESUS SOARES SANTANA
MARY JOICE PARANAGUÁ RIOS RODRIGUES
NAYARA DA SILVA QUEIROZ

ÁGORA

Coletânea de Poemas, Crônicas e Contos



Fabíola de Jesus Soares Santana
Mary Joice Paranaguá Rios Rodrigues
Nayara da Silva Queiroz
(Organizadoras)

ÁGORA

Coletânea de Poemas, Crônicas e Contos



EDITORA UEMA

São Luís, 2019.

© copyright 2019 by UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte. Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA UEMA.

ÁGORA - Coletânea de Poemas, Crônicas e Contos

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO

Claudio Eduardo de Castro

EDITOR RESPONSÁVEL

Claudio Eduardo de Castro

CONSELHO EDITORIAL

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho

Ana Lucia Abreu Silva

Ana Lúcia Cunha Duarte

Cynthia Carvalho Martins

Eduardo Aurélio Barros Aguiar

Emanoel Gomes de Moura

Fabíola Oliveira Aguiar

Helciane de Fátima Abreu Araújo

Helidacy Maria Muniz Corrêa

Jackson Ronie Sá da Silva

José Roberto Pereira de Sousa

José Sampaio de Mattos Jr

Luiz Carlos Araújo dos Santos/ Marcelo Cheche Galves/ Marcos

Aurélio Saquet/ Maria Medianeira de Souza/ Maria Claudene

Barros/Maria Sílvia Antunes Furtado/ Rosa Elizabeth Acevedo

Marin/Wilma Peres Costa

I Coletânea de contos, crônicas e poemas dos alunos do Curso de Letras da Uema, Campus São Luís / Fabíola de Jesus Soares Santana, Mary Joice Paranaguá Rios Rodrigues, Nayara da Silva Queiroz (Orgs.). – São Luís: Eduema, 2019.

148 p.

ISBN: 978-85-8227-238-1

1. Contos. 2. Crônicas. 3. Poemas. I. Santana, Fabíola de Jesus Soares. II. Rodrigues, Mary Joice Paranaguá. III. Queiroz, Nayara da Silva. IV. Título.

CDU 821.134.3(812.1).

EDITORA UEMA

Cidade Universitária Paulo VI - CP 09 Tirirical

CEP - 65055-970 São Luís – MA

www.editorauema.uema.br – editora@uema.br

Telefone (98) 3245-8472

PREFÁCIO

A professora Mary Joyce Paranaguá Rios, digníssima Diretora do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, pede-me gentilmente que eu escreva o que ela, por gentileza sua e para valorizar o meu esforço, chama de *prefácio* a esta publicação de seus alunos, que logo mais serão professores da língua pátria e de sua literatura, e de línguas e literaturas que integram o currículo escolar deste país.

Tenho meu nome inscrito em numerosas páginas alheias: simples orelhas, estudos introdutórios, análises “de situação” de obras, explicações sumárias, às vezes, sobre o preparo ou o estabelecimento do texto publicado. Não me recordo, porém, de haver escrito alguma coisa sob o nome específico de prefácio. É que penso como escreveu Rachel de Queiroz à abertura de um romance de Mário Palmério: prefácios são todos dispensáveis, se não por outras razões a considerar-se, por esta, simples e singela: irão retardar a entrega do que realmente interessa, que é a leitura do livro a desfrutar-se.

Não farei, então, um prefácio. Mas não deixarei de fazer o registro de dois momentos de saudade que nasceram em mim, já desde o passar os olhos sobre este escrito, que me levou ao passado de adolescente, na cidade de Carpina, PE, onde terminei o que hoje se chama Ensino Médio.

Em certo dia, a meio caminho de nossos estudos – e esta é a primeira saudade – descobri que um colega, Geová Sobreira (*sic*, quanto à grafia do nome), traçava uma linha, por duas vezes, a cada quatro linhas na pauta de seu caderno, e repetia o risco, espaçando-o nas três linhas abaixo. Na última, ele escreveu o que chamou “chave de ouro”.

Isto mesmo: Geová cometia-se a escrever um soneto. Ao seu lado, este que vos fala, imitou-lhe o gesto e repetiu a divisão de linhas, 4 +4 + 3+3, do caderno de seu colega, copiando-lhe o verso final, primeiro a constar na folha em branco: “No mudo calabouço do meu peito”.

Nasceu daí uma porfia que durou muito tempo e rendeu o pecado de incontáveis sonetos, da parte de quem depois “travou-se” contra a possibilidade de perpetrar qualquer crime do gênero. (Aquele primeiro soneto, no entanto, de tão “perfeito” para um menino de 15

anos, foi guardado e publicado em livro. Intitulava-se Dor Oculta, palavras “coladas” de Guilherme de Almeida, e tinha a sonoridade destes versos no último terceto: “Eis que ela [a tal ‘dor oculta’] vem em avalanche louca / E doida e infrene em frenesi espoca / No mudo calabouço do meu peito”).

Mas o que importa lembrar, aqui, é que aqueles poemas de Geová foram publicados há uns três anos, e fizeram grande surpresa, como produção primigênia de um estudante que mal e mal se emplumava no culto à palavra poética, mas cuja arte já deixava à vista o nível da formação intelectual que recebíamos. (Li alguns de seus poemas na Academia Maranhense de Letras, e causei espanto quanto revelei tratar-se de escritos de um aluno que ainda não havia terminado a escolaridade secundária). No correr deste ano, tivéssemos tido tempo, os amigos de Geová promoveríamos uma reedição de seus poemas, para levar mais adiante o espanto em face à escola que tivemos.

A segunda evocação saudosa cala profundamente na alma de quem assina esta página: trata-se de um jornalzinho mural. Dele, lembro o nome e lembro tudo, porque quem o fundou... fui eu. E seja por essa razão, seja para

completar a história do *Pioneer X* – assim se chamava o nosso jornal – quem deveria contá-la por inteiro, entre o Ceará e Brasília, seria o meu colega Luís Oswaldo Santiago, que tem lembranças de baú e deu continuidade àquele periódico.

O *Pioneer X*, já se vê, surgiu com a Era Espacial, e seu nome foi inspirado na série de foguetes americanos lançados àqueles tempos. Saía aos domingos: quatro folhas datilografadas em máquina *Olivetti Lettera 22* – fita vermelha para os destaques, fita azul para os artigos comuns – e ilustrado com figuras em nanquim. Que orgulho me crescia no espírito, quando, aí pelas dez horas de todo domingo em nosso internato pernambucano, eu saía apressado para alfinetar o *Pioneer X* no quadro de camurça verde do pórtico central, os colegas apinhados sobre os meus ombros, ansiosos por descobrir as novidades e murmurações a que dávamos alento em nossa “folha semanal”.

Quase esqueço de afirmar que o *Pioneer X* foi o jornalzinho colegial de mais longa duração de que me é dado ter notícia. Começou a “circular” em inícios de 1959 e continuou, sem interrupção, a meu encargo, até o fim do ano de 1960, quando eu avançava para os estágios superiores de meus estudos. Em era

consciente que haveria de sentir saudades daquela criação soldada na forja do amor e da amizade, e queria muito que a iniciativa fosse adiante. No começo de janeiro de 1961, apanhei a caixa de papelão em que havia guardado, um a um, os exemplares do jornal, consignei-a ao Luís Oswaldo e lhe implorei que não deixasse morrer o fruto do nosso trabalho. Ele me deu a sua palavra que atenderia a meu pedido. Pelos meus cálculos, o *Pioneer X* durou mais dois anos. Muito tempo depois, tocado pela recordação que vinha de longe, Luís Oswaldo publicou um livro de poemas seus, recolhidos do jornal mural de sua/nossa adolescência.

Peço à (o) paciente leitor (a) não estranhe a evocação daqueles momentos saudosos. É pela perspectiva que me oferecem, que leio estas cem páginas em que será guardada a criação inicial dos que hoje andam pelos pátios da Universidade Estadual do Maranhão, do seu curso de Letras, no preparo para a profissão de amanhã e na prática inicial da mais difícil das artes, esta que se expressa apenas por palavras.

Não se exigirão perfeições nos escritos que aqui ganham letra de fôrma. Mas é bom lembrar que também este livro é o espelho de

uma escola, como os dois exemplos que trago dos meus tempos de ginásio.

Além disso, Pablo Neruda dizia que apreciava ler os que se iniciam no labor poético, autores de versos claudicantes, porque deles lhe podia surgir inspiração para um bom poema. (Não fugirei à tentação de anotar aqui duas passagens que poderiam acender a chama para outros desdobramentos poéticos: o decassílabo “Na flamejante noite do teu leito” e o alexandrino “O charme é uma quimera que me embebeda”).

Enfim, que os autores das palavras que aqui recebem a permanência do papel possam amanhã voltar atrás no tempo, para sentir saudade deste momento primeiro, e lembrá-lo como o marco inaugural do ofício que mostram ter em mira desenvolver.

Sobretudo, que se compenetrem da inexorável condição imposta pela vocação à poesia, e deque deixou testemunho um nosso poeta que se iniciava aos 23 anos: “Ser poeta é duro e dura / e consome toda uma existência.”.

Sebastião Moreira Duarte



APRESENTAÇÃO

Quando pensamos em reunir os estudantes de Letras com o objetivo de revelar a produção literária tão silenciosamente escondida nas salas de aula, acreditávamos que um curso com tantas palavras não poderia permanecer em silêncio.

Em um espaço, no qual fonemas, grafemas, palavras, textos, discursos, gêneros literários e não literários, se transformam na matéria do nosso cotidiano, necessária se fazia essa manifestação.

Não são produções de poetas, cronistas, contistas experientes na arte de escrever, mas são genuínas expressões das emoções, experiências e visões de mundo de jovens que fizeram opção pelo curso de Letras do Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais/CECEN da Universidade Estadual do Maranhão/UEMA.

Esses jovens respondem a um chamado que o poeta Carlos Drummond de Andrade nos faz:

“Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a fac
neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,

pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?”.

Esta coletânea é um esforço dos estudantes de Letras para atender ao chamado literário que nos convida a contemplar as palavras, encontrar a chave que abre todas as portas do conhecimento e desvendar os segredos escondidos dentro de cada um de nós e do mundo que nos cerca.

Acreditamos que será a primeira de muitas outras.

As organizadoras

Fabíola de Jesus Soares Santana
Mary Joice Paranaguá Rios Rodrigues
Nayara da Silva Queiroz



AGRADECIMENTOS

Esta iniciativa que culminou com a reunião dos textos aqui publicados só foi possível graças ao incentivo, à colaboração, à confiança e ao apoio de algumas pessoas que ajudaram a torná-la realidade.

Consideramos relevante agradecer, em primeiro lugar, aos alunos Johnathan Carvalho Silva, Lucas Medeiros Santos, Matheus e Silva Fonseca; a todos os demais alunos que incentivaram, idealizaram e contribuíram para a realização de uma coletânea de textos literários e à aluna Nazaré Silva Andrade, pela concepção da capa do livro.

Especial foi o apoio do Magnífico Reitor da Universidade Estadual do Maranhão, Professor Gustavo Pereira da Costa, por acreditar nesta iniciativa dos alunos do curso de Letras e ter a sensibilidade em reconhecer que a academia produz ciência, mas também pode ser espaço de valorização das expressões artísticas e culturais.

Gostaríamos de agradecer à Professora Lucimar Ribeiro Soares pela leitura, seleção e revisão dos textos; à Editora Uema que garantiu o uso do selo para a edição deste livro e ao

Professor e Imortal da Academia Maranhense
de Letras, Professor Sebastião Moreira Duarte,
pelo prefácio.

As Organizadoras.



SUMÁRIO

Poemas

[Culpo-me por gostar do teu “eu”]	18
[Um dia te encontro]	19
Única estrofe	20
Destilado	21
Desejos	22
Reticente delírio	23
Bem-me-quer, mal-me-quer	25
Coração de menino	26
Licença	27
Águas do Maranhão	28
Sinceridade	30
Odeio-te	31
A solidão do poeta	32
O amor	34
Fugidio	36
Meu rio	37
Leão Narniano	38
Cachos negros	39
Furacão	40
O fim.....	42

[Dá-me apenas um motivo]	44
[Fecho os olhos. Penso. Sinto].....	45
Notas sobre ela	46
Fim do mês	48
Soneto da partida	49
Erro	50
Doce paixão	52
Reminiscência	54
Casa	55
Irresoluto paradoxo	56
Fleurvolée	57
Visão de mundo	59
Ser	62
Existir	63
Amar	64
Sozinha	65
O sussuro da tua voz	66
A eternidade do efêmero	68
Noite fria	69
Ser amigo	70

Crônicas

E viva mulher!	72
Basta	75
Uma homenagem a mais para o mestre Josué Montello	78
No barco da Primavera	83
De mãos dadas	85
[Tempos atrás numa conversa de amigos...].	88
O despertador	91
Encantada Alcântara	94

Contos

Desejo Carnal	97
O último vapor	105
Estranho do que me era familiar: Hóspede X Parasita	110
O mundo azul turquesa	114
Dias de um adolescente	117
O quintal de Maria	136
Uma foto negativa	138
Cartas para Alice	144

Poemas

Culpo-me por gostar do teu “eu”
Que levou embora o meu
E agora nada resta
Saudade, na verdade...
Tu restaste.

Aninha



Um dia te encontro
Um dia esbarramos
Quem sabe nos pensamentos
Quem sabe nas sensações
No real. No surreal. Ou até mesmo no
sobrenatural.
Para ter tua presença
Vou até o impossível
Congelo o tempo
E nos restará
Infinitos ponteiros
Te quero, relógio.

Aninha



ÚNICA ESTROFE

No inferno, a minha carne queima.
Ser inescrupuloso, vil.
Vivo à custa da palavra
“O senhor é meu pastor
E nada...”
- vim do nada.
E uma única estrofe,
A moral morre
Antes mesmo de nascer.
Quem a engole
Sou eu,
Que contrái
A doença Ateu;
Meu Deus morreu.

C. A. R.



DESTILADO

Pavimentos mal planejados
Da casa, do lar;
Do lado, embaixo
Do meu solado.

Posto sentado,
Jogado, voltado a todos
Como um reles ser
Rodeado da cria

Criada que o via
Usando de subterfúgios vãos
Para ressignificar
Os seus tristes dias.

C. A. R.



DESEJOS

Desejo profundamente que se arrisque
Que risques do peito teus anseios
Que mates todos os teus medos
Medonhos a ti atormentar

Preciso que sejas passarinho
Que sem peso voa sozinho
Construindo feliz o seu ninho
Por ter liberdade de amar

Quero por fim que saibas
Que quero ser para ti
O que desejar, o que precisar
Ser lápis para riscar do teu peito anseios
Cianureto para matar teus medos
Ser teu ar, teu vento e teu ninho
Pra te fazer voar, repousar e amar

Mariane Miranda



RETICENTE DELÍRIO

Algo dentro de mim
Jura que te viu por aí
A seguir, sem me querer
Resoluta, com seu olhar blasé
Você que clareira o mundo
Mas enegrece minha alma
Floresce até no inverno
Mas no meu peito seca e mata
E como um livro abandonado
Não lido, corroído por traças
Como casa vazia, sem vida
Abandonada à beira da estrada
Torno-me abrigo do nada
Estagnado no tempo
Pávido a perscrutar teu silêncio
Que não me dizem nada
Comedido em meus sentimentos
Ou demasiado entregue a eles
Palavras não sabem dizer
Não existe uma só,
Que defina esse sofrer
Doravante eu decidi
A te querer para sempre
A conviver com tua eterna ausência
Depois de mais um gole
Saúdo, santé a você!

Mariane Miranda



AS PALAVRAS

Ah, palavras, eu invoco ternura!
Se tivessem apenas sentido único?
Talvez não existisse literatura

Tampouco existiria mentira e amor,
Não haveria fingimento de dor

O que seria do mal entendido?
Se as elas tivessem mesmo sentido

- Psiu! Usou Penélope da Odisséia
Que pediu silêncio por Onomatopéia

Alguém falou o que nos interessa;
Mas esqueceu que há controvérsia.

(Palavras, ah, palavras!
Elas nos dão ^as^as...)

Fingir dor na arte só soa
Imitar Fernando Pessoa

As palavras descreveram Alice
Elas são:
Artífice, não tolíce!

O Extra



BEM-ME-QUER, MAL-ME-QUER

Se bem me queres
Na flamejante noite do teu leito
Acenderei em tuas mãos a púrpura chama
Do meu divino amor perfeito

Se mal me queres
Por meu profano e selvagem amor
Nas íntimas cartas te revelo
O tanto e quanto que te quero

Se bem me queres
Os amores secretos não serão em vão
À luz da lua e de flor em flor
Já confessei o amar do amor que te amei

Se mal me queres
Me morrerei de desamor
E da tua afeição tão pouca
Por não saciar minha sede nos beijos molhados
da tua boca.

Viajante



CORAÇÃO DE MENINO

Não há partidas, nem chegadas
Para os secos corações que desejam
A breve chuva incendiada
Pelas bocas em chamas de outros beijos

Viajarei para o longe
Com as paixões migratórias
Para o encontro de um amor
Sem a finitude da ópera das horas

Talvez traga os meus verões
Ou as flores de abril
Ou o meu coração de menino
Que não chegou e não partiu

Joguei ao vento os lenços de partida
Não há mais lágrimas nem despedidas
Só a mágica volta do amor
Às páginas em branco de uma história não
lida.

Viajante



LICENÇA

Deixe-me ter essa liberdade que me foi dada.
Deixe-me ter essas sensações que me são
despertadas
Deixe-me ser o que der vontade
Deixe-me e não me atrapalhe

Deixe-me viver essas aventuras efêmeras
Sem qualquer empecilho
Não coloque barreiras
Onde não há motivo

Afasto-me de meus desejos
Não entre no meu caminho
Não se envolva
Sai do meu destino

Não crie barreiras
Muros e fortalezas
Pois, sou forte
Como uma escavadeira.

Apenas deixe-me.

J. G. O.



ÁGUAS DO MARANHÃO

E vieram também, com eles, alguns milhares de galhos secos que permaneceram ali pela noite inteira, talvez mais... não se soube,

Pois não se pode acompanhar esse contínuo fluxo das ondas o tempo todo.

Eram algumas dezenas de totens pisando, perplexos, aquela areia. Não era assim no Velho Mundo de onde vieram?

Multiplicaram-se a milhões seus pensamentos, ali naquela terra distante, já além do além-mar. Onde souberam, embora inebriados por aquele vai e vem,

Que jamais poderiam acompanhar esse contínuo fluxo das ondas o tempo todo.

Só um pouco mais tarde, o pregador da Sexagésima nos revela que estas águas são mentirosas. Por isso, a frenética dança das ondas hipnotiza, chama, fascina.

Mas sem que, nem todo o tempo do mundo, nos permita acompanhar esse contínuo fluxo das ondas o tempo todo.

Assim, vão-se anos, séculos.



Como ainda ficam imóveis os galhos secos
sendo banhados pela luz lunar, não há força
que nos tire dessa letargia.

Agora são oráculos ali presentes, como em
liturgia, a olhar, queimando as retinas para um
deus-sol que emana um adeus ao infinito
dançar das águas que desmaiam, que deslizam,
que sussurram.

Somos os filhos e a herança desta terra de
águas que, embora mintam, não nos deixam
partir para sempre.

E eis que ali ficamos, sob o crepúsculo
dourado a findar-se, a voltar nosso espírito,
para o marulho denso e provocador. Há
silêncio, respeito e vazio, cortados por uma
despedida breve.

Até que, num novo dia, voltemos para insistir,
mesmo sabendo não ser possível acompanhar
esse contínuo fluxo das ondas o tempo todo.

Jacob do Patrocínio



SINCERIDADE

Palavras, palavras
Tantas formas pra dizer
Olhares, momentos
Não consigo esquecer

Tais detalhes de teus lábios
Impossível não lembrar
Uma nota, uma canção
Um amor a declarar

Se não passa de ilusão
Tenho razão para acreditar
Que nunca nada existiu
Que só fiz fantasiar

O que te falta? Diz-me logo!
Que tortura que me faz!
Basta apenas um sinal
Sinceridade, nada mais.

J. P. N.



ODEIO-TE

Odeio se me ignoras
E deixas tudo como está
Odeio se não me olhas
Odeio te odiar

Odeio ti ver sorrindo
Resumindo o que sentes
Odeio sentir teu cheiro
Odeio se está ausente

Odeio tuas palavras
Que me tornam indiferente
Odeio tanto... pouco... finalmente.

Odeio se tu não cantas
Tua melodia a me acalmar
Odeio, portanto, o fato de te amar.

J. P. N.



A SOLIDÃO DO POETA

A solidão do poeta é algo avassalador
Arrebata-o para fora
E, fora de si e do mundo em sua volta,
Dedica-se ao labor
Escrevendo sem demora
O que ele sente nessa hora
Em seu coração motor.

O poeta não consegue se calar
Pois é levado por uma correnteza
Impulso de alegria ou tristeza
Que ele passa a expressar
E vem direto a nossa porta
Chamando-nos para fora
Para em outro mundo nos levar.

Oh mundo voraz!
Mundo de ávidos sentimentos
De inumeráveis pensamentos
E de emoção que traz
À fala do poeta
Em sua escrita tão discreta
Nessa solitude tenaz.

E no silêncio se regozija
Ao descrever toda beleza



Da vida e natureza
Pela palavra que então alija
Traspassando a realidade
Das letras fazendo arte
Ainda que a solidão o aflija.

J. G.



O AMOR

O amor é como o sol
Que ilumina o dia
Mas ao chegar a noite
Deixa então despedida.

Permite que o frio
Castigue o corpo
Embora estrelas
Brilhem lá no topo.

Assim vem o sereno
E a solidão do viver
Quando o silêncio reina
Antes do amanhecer.

O amor é como um mar
De águas profundas
Com ondas impetuosas
Que revolvem a areia
Na praia, os passos longos ou curtos
Em areia movediça
Tornam-se tão inseguros.
E a beleza dos corais
Escondem perigos
Para o que navega
À procura de um abrigo.

O amor é a água
Que rega a vida
Mas, na tempestade,



Também causa aflição
O amor é dor
O amor é vida
Faz sofrer e sorrir
Na passagem do dia.

O amor é um arco
Que, ao lançar sua flecha,
Procura um lugar
Na vida , uma brecha.
É um ladravaz
Que rouba o coração
Para, talvez, a felicidade
Ou, quem sabe, a solidão.

J. G.



FUGIDIO

Por que tu te enganas
fadada aos maltratos?
Não recordas saber?
Não podes me ter.

Em ti somente,
Ser
Ardente sensação
Sem ter, arriscar

Em ti somente,
Amar
Nesse azul navegar
Nos mares da ilusão

Porque tu te encontras
em mim aos trapos,
sem rima de amor,
Não podes viver.

J. P. B.



MEU RIO...

A sensualidade é uma farpa... fermentação do
prazer!
O charme é uma quimera que me embebeda,
Abarcada em teus braços e abluída em teu
licor de amor...
Teu corpo exímio tornou-se o desejo
veemente,
O controle se faz ausente...
Ah... que translação fantástica!
O céu e a terra,
O encontro no firmamento,
A morada na lua...
Força e fraqueza fazem a nossa essência.
Pelos teus olhos fui abduzida ao seu mundo e
fiz de sua cortina uma porta.
Na certeza de evitar meu amarume! Tranquei-
me!
Agora andamos de mãos dadas, neste universo,
onde nossos pés tocam em pianos e o nosso
caminhar reproduz a sintonia da paixão
que rutila a reciprocidade do nosso amor!
Agora moras em meu coração,
Mas o arco íris não está o tempo todo no céu,
E prefiro te ver como um rio traiçoeiro...

L. R. S. L.



LEÃO NARNIANO

Eu subo os degraus da finita plenitude, em
companhia do leão Narniano...

Em virtude melódica, da existência das
crônicas de minha história...

Esnobismo em palavras decifradas é o que me
convém...

Mas poucos, decodificaram ao seu modo
imponente, por que todos são iminentes
quando tratam de seus sonhos, sejam loucos ou
velhos, sacanas ou santos...

Só quero impender o tão sonhado, antes que
apaguem minha vela...antes do falso
compêndio de lágrimas...dispepsia de
hipocrisia!

Estou na translação! mas não sou senhora do
movimento!

Tudo é transitório!!!

Entretanto, necessito de minha magnânima
consciência de que nada sou!

Para deleitar-me entre sorrisos possíveis e
impossíveis, e vencer os inimigos de mim
mesma!

Destarte, preciso da federação de minhas
forças! para limpeza da fuligem... provocada
pela fumaça maléfica dos corações falantes!

E sigo...

Não sendo a senhora do movimento, mas
imperadora de minhas limitações, em
companhia do leão Narniano...!

L. R. S. L.

CACHOS NEGROS

Embaraço os teus cabelos
Com profundo jeito
Nunca vi tanto zelo
Nesses cachos tão negros

Com tanta destreza
Vou enroscando meus dedos
Nesses cachos tão negros
Afasta-me da tristeza

Cachos negros caídos
Doce ou amargo
Desnuda teu corpo
E sobre ele me apago

Belos cachos
Vejo, busco, disfarço
Enrosco-me
Encaixo-me

A quem pertence esses tão negros cachos?

L. S. C.



FURACÃO

Quente
Frio
Vento
Juntam-se
Em prol
Do luto

A força
Descomunal
Chega
Destrói com firmeza
Um lar feito
Com proeza

Quente
Frio
Vento
Juntam-se
Em prol
Do alento

O mar
Calmo
Se agita
A imensidão
Que acalenta
Agora
Amedronta

Quente



Frio
Vento
Juntam-se
Em prol
Do absurdo

Beleza
Era antes
Agora
Destruição

O que era
Fortaleza
Agora não
Passa de
Uma vasta
Imensidão
De NADA!

Fora Temer



O FIM

Ao fechar meus olhos repousada sobre meu leito percorre em minha mente as reminiscências de nossa derradeira tarde de gozo, nossos corações estavam a se despedir.

Te aproximastes e, com teu olhar penetrante previ que eu pertencia a ti e tu a mim, apenas naquele instante.

O desejo divagava pelos nossos corpos quando meus lábios uniram-se aos teus, o fogo emanava e a sede pelo proibido invadia nossas almas, meu corpo nu em tua camisa, tu me envolvias em teus braços e me conduziás a um lugar de pura perfeição.

Teus beijos apaixonantes, tua língua percorrendo minha nudez, um gemido suave que não chegara aos teus ouvidos.

Mexíamos-nos como em uma dança, movimentos extasiados que faziam - nos transpirar.

Tuas mãos,

Tua pele,

Teu toque.



Despertava em mim os mais profundos anseios. No meio de toda essa euforia, estava eu a imaginar meu corpo interligado ao teu.

Contudo, minhas fantasias permaneceram unicamente em meus pensamentos e, sem mais o que esperar, por fim...

Veio o fim.

.

Ana Cardoso



Dá-me apenas um motivo e sumo da tua vida.
Diz que minha presença te faz mal, fala-me
que minhas palavras soam vazias aos teus
ouvidos.
E eu saio.
Condena os meus abraços.
Diz que são tecidos de espinhos e que por isso
te torturam, jamais te confortam.
Esclarece que todos os cafunés a ti ofertados te
causam dor de cabeça.
Enfatiza que o toque das minhas mãos nas tuas
te é indiferente e banal.
Vai, berra que meu carinho por ti é nada! É
poeira nos teus olhos!
Apresenta-me um só motivo desses.
Ou outro qualquer. Todos até. E eu vou
embora.
Se for para deixar teu coração inteiro,
despedaço o meu.
Abdico da minha alegria de estar contigo pela
tua alegria de estar sem mim.

M. C.



Fecho os olhos
Penso
Sinto
Respiro
Perco o fôlego
Desfaileço
De um jeito que nunca experimentei antes
Percebo que, por ti, tenho do sentimento mais
puro ao mais libidinoso.
Sabes o que sinto
e sentes também
Arrepios que nascem em ti
crescem em mim.
Fogo que queima em tua pele,
abrasa-me avidamente.
Nesse momento de calor absoluto, não fujo,
Não consigo.
E conto com teu consentimento.
Eu sei
Pondero que uma distância razoável nos
ajudaria, não concordas?
Mas sofro só em cogitar tal abstinência!
No entanto, creio que podemos apenas estar
alertas caso haja ameaças ao nosso limite,
Prefiro acreditar que o sublime prevalecerá!
Temos o controle da situação
Não temos?

M. C.



NOTAS SOBRE ELA

Ela é sublime
É a soma das aflições que me
consomem
É chuva depois da seca de período
longo
A sentença pelo meu crime mais
hediondo
Amá-la-ei como nunca amou
nenhum outro homem.

Ela é brisa
Me faz fremer suavemente.
É meu mergulho no infinito
E é por causa dela o grito
Que em silêncio sai de minha
mente.

O meu nome é dor, o dela amor
Ela é paixão, é fogo, é
independência
A carícia que deixa os hormônios
em ardência
Foi ela que me fez redescobrir o
amor.

Ela é linda como o despontar do
sol no horizonte.



Sua beleza é divinal, flor, luz
É como a aurora que tão lindo
brilho produz
Como uma estrela sentada a beira
de uma ponte.

É transubstanciação de
sentimentos.
É mistério, flor
A mais deslumbrante cor
Que trouxe alegria aos meus
desalentos.

Ela existe.
A insígnia do meu ser a assiste
Como um bastardo que chora a sua
chaga
Até quer resistir, mas quanto mais
resiste
Mais ama aquela que tanto pede a
Deus que a traga

Fernando Mariano



FIM DO MÊS

Saio e choro
Do alto, socorro não mais imploro

O meu choro abandonado não se traduzia

Da orquestra da morte, a música emana
Resiliência fracassada

Incapacidade humana
Órfão, o revés do êxito me dizia
Silêncio fazia, e um verme tríade rastejava
Em busca do meu corpo moribundo
Pois a chaga da alma transpassara
Vilipendiando a vontade de viver o mundo
Era a última vez
Chegara o fim
A conta da alma venceu
O corpo solveu,
Pela calma, cerrou-se
A alma vingou-se,
O corpo chorou
Transcendeu à luta corporal
E o verme frio e teatral
Tudo corroeu

Fernando Mariano



SONETO DA PARTIDA

Ela partiu como um beijo ao vento,
Olhos de uma delicadeza sã
Qual o embalo das flores de anciã
Abriram-se nos braços do tempo.

O colo dos teus olhos tão atentos
Me acolheriam hoje? Ou amanhã?
Se meus olhos, pelos teus de cristã,
Se fizessem? Eu encontraria alento?

Não duraria mais que um sonoro estalo
E os meus, dos teus, romperiam num abalo,
Por mais que eu tentasse não me descuidar.

Quando em sonho tu vens sanar meu fardo,
As palavras transbordam, tudo eu falo
E choro... tua partida em mim.

N. Q. B. M



ERRO

nasci no corpo errado
com o gene errado
no tempo errado

era natal
e as luzes incandescentes (em suas eletrólises
hipnotizantes) me ofuscaram

nasci um bicho arisco
aprendi bons modos
me camuflei

reguei a alma do mal dizer paterno
e da irreabilidade materna

o cânion que se formou serve de abrigo as
serpentes

nasci o avesso dos gostos
dos timbres
dos modos
e da moral

só aprendi uma lição:
que o avesso das coisas te faz um Pierrot

se não Pierrot
te faz calar

eu
falo o que me convém



então me censuram

mas eu não conheço o nome
que dão as coisas
que lhes afrontam

eu
singela aos sentimentos expostos
erro
um erro necessário
eu
medrosa como quem lhe tira o sustento
erro
um erro indigno
eu
avulsa como um verme num buraco negro
erro
um erro humano.

dançaria sobre o barbante
como um pião
impulsionado pelo vácuo
se não houvesse erro

e no final
do dia
qualquer som que soe harmônico
parece ilusão.

N. Q. B. M



DOCE PAIXÃO

Mundo solitário e cruel
Onde há de se achar amor?
Será nos teus olhos cor de mel?
Ou no teu calor?

Oh, Beija Flor que voa por voar
Deixe-me por um instante na tua casa entrar
Para quem sabe morar

Pequeno menino sonhador
Onde estará o fim de sua dor?
Oh, linda Flor!
Será no amor?

Um dia quis voar
Para uma saída encontrar
Motivo não há
Apenas o desejo de amar

A ti encontrei
Mas não me doe
Com você diversas vezes sonhei
Mas o sonho de conhecer-te não realizei

Platônica paixão
Há conforto na solidão?



Que lindo sorriso o teu
Um verdadeiro Romeu
Quem me dera um dia ser teu
Para assim te chamar de meu

Um desejo queria ter
Para teus lábios provar
E quem sabe a ti me doar
Mas esse poder sei não hei de obter
Então por trás de um simples poema estou a
me esconder
Pois a ti não acredito merecer.

Oh, turbulento mar!
Ajude-me no tempo paz encontrar
Pois até o último instante a ele hei de esperar.

Ass:Um sonhador



REMINISCÊNCIA

Amei-te intensamente, meu caro
Tudo que vivemos foi memorável (Ah!...)
As noites tempestuosas foram quentes
Pois nunca faltou gozo entre nós.

Dois sois num olhar
Chamas acessas para amar
Lábios envolventes que anseio
A fim de refinar o bruto desejo

Admirávamos o céu estelar
Somente o teu fazia-me extasiar,
A euforia da tua tramela
Buscava incitar minhas constelações
Fazendo meu torço a tua caravela

O enlace findou-se
Mas, por que apartou-se?
Tu partistes deixando lacunas
Outrora jamais preenchidas,
Guardai nossa afeição
Nas gavetas frias da solidão

Frida Marias



CASA

Quero voltar para meu lar
que esqueci endereço e caminho.
A saudade do que não conheço,
a vontade enorme do que não é,
do que a palavra não exprime,
desejo pelo que eu não sei,
por conhecer quem nunca vi,
por abraçar o desconhecido,
por vestir o futuro que sequer me cabe,
por tocar a face do amor que veio
e talvez não me encontrou,
por mergulhar, e visualizar.
Onde é minha casa?
Onde é que eu moro
que não dentro de mim?

Sophia Andrade



IRRESOLUTO PARADOXO

Bagagem incompleta e alma preparada
Devolvi certos medos e tateei o improvável
Caminhei milhas e não percorri nada
Transpirei saudades e bebi encontro
Levei a bússola e a descartei
Minha sola segura, descalço andei
Trouxe alimento e o dei a quem mais precisou
Fiquei com sede, mas ganhei sorrisos
Perdi a rota e encontrei desprendimento
Descobri o sacrifício e não precisei me
ajoelhar
Nos dias quentes me agasalhei de estórias
*Nas noites frias fui banhar no poço das
memórias*
Senti que os dias passaram e teimoso fiquei
Já estou fraco mas digladio com o
esquecimento
Fico quieto e aguardo na minha estranha
agitação
Às vezes só quero voar pois as pernas já não
me aguentam
De repente meu céu ficou escuro (...)
*Nem sei o que não busquei, mas enfim achei o
que procuro?*

Charlie Blanco de Azeredo



FLEURVOLÉE

Escute

Som de bombardeio
Gritos que ecoam
E já não te vejo
Perguntei aos céus se te olharam

Silêncio ensurdecedor

Miraram-me com pena
Preciso de uma resposta, que seja, pequena
Pro ar que já não me entra
Escutas meu dilema?

Escárnio autoritário

Soube de uma liberdade sufocada
De dias escuros, de almas oprimidas
Verdades há serem caladas
E súbitas despedidas

Fleurvolée



Ontem eras só minha flor
Confiei em tua raiz acimentada
Deixei-te descuidada
E o vento ditador te cobiçou

Raízes unificadas

Estou sentindo tua dor
Teu olhar torturado...
E agora cerrado!
Sinto teu medo, flor

Essência intangível

Hei de te encontrar
Tuas raízes puderam até de mim arrancar
Mas teu cheiro revolucionário
Esse ninguém há de tirar

Flor, eis o teu vestígio singular

Charlie Blanco de Azeredo



VISÃO DE MUNDO

Fazendo meu trajeto diário
me deparo com inúmeras situações
algumas me causam alegrias
outras [...] decepções...

Olhando pela janela eu posso ver
posso ver o que não mostram pela TV
fico triste, indignado
mas também admirado.

Admiro não a desgraça do mundo
mas a persistência das pessoas
de continuarem a sofrer e a batalhar
na esperança que um dia,
tudo isso irá acabar.

Mas será essa esperança em vão?
A resposta [...] a resposta é NÃO!
Aliás, se podemos sonhar
podemos realizar.

E isso muitos já tentaram provar:

Um dia uma mulher quis ter
o direito de votar
ela sofreu, foi presa e até espancada
mas não deixou de lutar
continuou a sonhar e a batalhar
e hoje graças à dedicação dela



TODAS AS MULHERES PODEM VOTAR!

Um dia um home desejou voar
estudou, se dedicou, nas primeiras tentativas
fracassou
mas continuou a tentar
até que um dia inventou o avião
e conseguiu então VOAR.

Um dia eu também
pude algo observar
percebi que a educação não estava bem
e eu a desejei salvar
ainda não criei nenhuma grande invenção
por isso a cada dia eu busco motivação

Muitos me criticam
por escolher ser professor
mas eles não entendem
que sem as LETRAS eu nada sou.

Procuro dar vida à educação
e só posso fazer isso
me entregando de coração

Olhando pela janela
eu posso ver
que existe um mundo lá fora
que quer nos ver sofrer



Mas eu enxergo muito além
e vejo que a este mundo
também podemos mudar
o primeiro passo é acreditar

Olhando agora pela janela
eu posso ver
que DENTRO DE MIM E DE VOCÊ
habita um sonho que em breve vai se fortalecer
CORRA, BATALHE
e não deixe morrer,
pois, ESTE SONHO PODE AJUDAR
NÃO SOMENTE A VOCÊ!!!

Henrique Martins



SER

Gosto de céu e de mar
Sou assim
Às vezes céu
Às vezes mar
Calmaria
Ou tempestade
Céu nublado ou azul
Simples assim.

Calíope



EXISTIR

Gosto do barulho das ondas do mar e de
observar o incessante movimento das ondas
no caminho que percorrem até o derradeiro
movimento de existência

Começam vagarosamente, adquirem força e
majestosamente crescem

até mais uma vez esvaírem-se silenciosa e
calmamente na areia da praia.

Gosto da brancura da espuma das ondas e do
cheiro do mar, da harmonia entre água, ar,
terra e sol em um equilíbrio que nos lembra de
nossa sólida, mas também líquida existência

Essa sublime harmonia me comove e todo
meu ser se enche de paz e, nesse momento,
acredito também que sou água, ar, terra e sol

Calíope



AMAR

Gentil presença na minha vida
que tão levemente tocou minh'alma
sem força
com delicadeza
e com palavras
que só quem sabe o valor que elas têm
é capaz de entender o sabor e o prazer de senti-
las
tão doce e fortemente em si
Cada gesto
Cada palavra
Tornavam suave meu viver
e o som de sua voz
acalmava todo meu ser
Talvez quimera de quem ama
e não sabe entender
porque amor tão forte assim
não pode acontecer

Calíope



SOZINHA

Sozinha e longe de ti
Eu sozinha te sinto
Sozinha te tenho
Sozinha sinto tuas mãos,
Forte, leve e, às vezes, voraz.
Sozinha te tenho nos meus braços.

Sozinha eu escuto tua voz,
Tu vens com um murmúrio e me acalma,
Eu necessito ouvir tua voz.

Sozinha, sinto o teu corpo,
Posso virar para a direita ou esquerda
E tu não reclamas.

Sozinha eu posso fazer o que eu quiser de ti
E tu de mim.
Sozinha, eu estou perto de ti.

R. C. M. R



O SUSSURRO DA TUA VOZ

O sussurro da tua voz
Chegava de forma suave
Pelo cheiro do café e
E de belos hinos.

Tu exalas as mãos do Criador,
És a mulher sábia de Provérbios.
Deus quando deu inspiração a Salomão
Pensou em ti.

Oh, mulher sábia!
Tens o sorriso marcado pelos anos,
E, nas palmas das tuas mãos,
Leio as linhas da minha vida.

Quero que vivas enquanto adormecida
E no seu túmulo nasçam flores brancas
Iguais aos teus cabelos
Pois eles são alvos mais que a neve.

Quando partistes, a saudade
Apertou dentro do peito
Entre lágrimas, encontraremos-nos
E cantarás para mim
e o cheiro do café virá.

É a transgressora do meu primeiro poema



Ninguém mandou escrever em cima
E eu embaixo.
Pronto! A tua neta obedeceu.

R. C. M. R



A ETERNIDADE DO EFÊMERO

Senti teu calor, tuas cores, sotaques e poesia.
Eu vi tua beleza, banhei-me com tuas águas, e
me envolvi com a tua gíngua!
Teus sabores ainda sinto.
Tu és pura catarse, encanto e sedução, é
sagrado, profano dentro da mesma canção.
A tua luz encandeou-me por inteiro, a tua
calma me invadiu sem convite.
Agora reverbero entre suspiros de saudades e
sorrisos abobalhados.
Meu peito apertado lamenta por tão pouco e
deseja o infinito.
Quero de novo, sem pressa,
mergulhar em teu mar e na tua imensidão.
Prenda-me, se quiser, é tudo que eu quero

M. S.



NOITE FRIA

Noite fria, mas amiga minha
Traz-me a esperança de um amanhecer
Pois só assim abrandarás minha agonia.

Noite fria, vens ao meu encontro com
recordações que eu preciso esquecer
Contigo trazes tantas lembranças de momentos
tão sublimes, inesquecíveis de...

Que ainda hoje me encontro suspirando,
contemplando
Na esperança de novamente viver ou vencer as
ausências
Noite fria, mas amiga minha

Noite fria, gostaria que fosses como tardes de
verão
Para aquecer de amor corações quebrantados
Ou quem sabe afastar as recordações
De um amor que ficou na Noite fria.

Érato



SER AMIGO

Ser amigo é respeitar
Ser amigo é doar-se desinteressadamente
Ser amigo é vibra com o sucesso do outro
como se fosse o seu
Ser amigo é compartilhar
Ser amigo é confiar sem restrições
Ser amigo é sorrir com as vitórias e chorar
com as derrotas
Ser amigo é buscar e encontrar na certeza de
que todo tempo
terá um amigo com quem possa contar
Ser amigo nada mais é do que AMAR

Polimnia



Crônicas

E VIVA A MULHER!

Podemos ser consideradas frágeis, mas acredite: mulher é um conjunto infinito de sentimentos, confusões, loucuras e, para completar o pacote, nós ainda somos capazes de aguentar coisas que nenhum homem aguentaria nem sob tortura. Nós choramos, temos crises, medos; gostamos de tudo do nosso jeito e raramente perdemos uma discussão. Somos ousadas, alegres; caímos e levantamos, perdemos e lutamos; somos fortes, mas, acima de tudo isso, somos apenas seres humanos como você ou qualquer outra pessoa de carne, osso e sentimento.

Loucos são os homens que dizem que ser mulher é fácil! Se estivessem no nosso lugar, saberiam que o absorvente incomoda; sutiã apertado; sangramos por sete dias; temos cólica e T.P.M; corremos de um lado a outro tentando resolver todos os problemas pessoais,

do trabalho e da família. Temos que aguentar “amigas falsas”, rótulos, pessoas com ideias machistas, decepções amorosas, ainda nos preocupamos com o corpo, cabelo, unha, lidamos com várias críticas e principalmente críticas de pessoas que convivem ao nosso lado. Carregamos durante nove meses um bebê, passamos por enjoos, sofremos as dores do parto e damos ao mundo uma nova vida. Ainda temos que educar, cuidar do filho, da casa, da carreira profissional e isso tudo se equilibrando em um salto de quinze centímetros! Temos muitas dores e, mesmo estando péssimas, erguemos a cabeça com toda aquela carga nas costas e seguimos em frente, como se tudo estivesse bem.

Está bom ou quer um pouco mais? Se eu continuar falando, não vou acabar agora, porque é assim que somos, uma infinidade de características. Conseguimos fazer tudo e mesmo assim não borrar a maquiagem. E agora? Ser mulher é fácil? Já deve ter mudado

de ideia, certo? Nós somos guerreiras, mas não gostamos de chamar atenção, apenas queremos nossos direitos, e claro, o reconhecimento por todo o nosso árduo trabalho.

Isso é ser mulher! Essa correria constante, esse desejo por novos desafios e por mais que reclamemos, somos felizes independente das dificuldades.

Alyssa Miller



BASTA

Todos têm um dia em que se olham no espelho e a vontade que surge assim que batem o olho no reflexo é de quebrá-lo em caquinhos. Não deixar nenhum resquício de que ali existiu o seu reflexo. Reflexo de uma pessoa que você conhece muito bem, mas insiste em renegá-la, pelos simples fato de não a amar.

Mas, como pode? Olha pra você, não se encaixa do padrão que a sociedade impõe. Você não é magra, ou é magra demais, não é alta, ou é alta demais, não tem cabelos loiros, olhos azuis ou a pele perfeita, você não tem um milhão de amigos, você não frequenta festas todo fim de semana, você não segue modinhas, não tem contatinhos, você não é ninguém. Então como pode se aceitar? Como pode gostar de você? Como pode fazer com que os outros gostem de você? Como pode entrar no padrão da sociedade?



Você não pode, e precisa entender que não precisa. As pessoas pensam que pra querer o bem a si próprio precisam que os outros a aceitem e queiram esse bem. As coisas não acontecem dessa forma. Ninguém pode fazer isso se não você. É verdade, a sociedade impõe limites de beleza, de socialização, um padrão que não existe, nem mesmo pelas pessoas que pensam estar dentro dele.

Já é hora de dar um basta.

Mande os padrões para o buraco e entenda que tanto faz você ser alta ou baixa, magra ou gorda, branca ou preta, ter cabelos lisos, encaracolados, pintados, raspados, ter tatuagens, piercing, ou seja, lá o que mais estipulam fora do padrão. Nada disse importa senão você própria. Diminua o som do mundo e aumente o som do seu coração. Esqueça a sociedade, esqueça os padrões, esqueça as críticas e foque no que realmente importa. Você mesmo.



E daí se você tem sardas? E daí se você prefere ficar em casa ou invés de sair todo o dia? É muito melhor ter poucos amigos e ter a certeza de que eles vão estar ao seu lado em todos os momentos, do que possuir muitos e mesmo assim se sentir sozinho, não é mesmo?

Ninguém tem nada a ver com a sua vida, com as suas escolhas ou com a forma com que você quer se vestir, ou falar, cantar e até mesmo dançar. Isso só se remete a sua opinião. Não se movimente em função do que os outros vão achar ou do que a sociedade impõe, o melhor da sua vida é ser quem você é. Solte seus fogos de artifícios, mostre ao mundo com orgulho a sua pele, sem maquiagem. Ame-se. Cuide-se e, acima de tudo, entenda que você tem seu valor.

Alyssa Miller

/



UMA HOMENAGEM A MAIS PARA O MESTRE JOSUÉ MONTELLO

O ano de 1917 foi um ano emblemático no mundo. O terceiro ano da Primeira Grande Guerra, das revoluções na Rússia e no México, das aparições de Nossa senhora em Fátima, Portugal; do nascimento de personalidades como: Jânio Quadros, Jhon F. Kennedy, Indira Ghandi. Foi esse o cenário do tempo que, em 21 de agosto, recebeu em uma modesta casa na Rua dos Afogados, de esquina com a Rua do Perspontão, um dos nossos maiores expoentes na literatura, mas que também enveredou pelas vertentes do jornalismo, da diplomacia e da política.

Josué de Sousa Montello (1917- 2006) faz parte de uma extensa lista de personalidades maranhenses cujos nomes são homenageados nas fachadas de centenas de instituições como escolas, bibliotecas, avenidas, pontes, hospitais, etc., no entanto, se empregarmos um pouco

mais de criticidade a esse olhar, muitas das verdadeiras histórias, biografias, feitos e trajetórias por trás dessas personalidades ainda são desconhecidas pelo grande público. O legado literário de Josué Montello, seus romances, novelas, crônicas, peças teatrais, entre outros gêneros, muitos dos quais ambientados nas ruas, becos, praças, igrejas e demais cenários de São Luís do Maranhão, constituem uma vasta coleção que, entretanto, é pouco conhecida e valorizada pelas novas gerações de maranhenses.

Sua trajetória de vida é de impressionar. Experimentou, como muitos meninos desse nosso tempo, frequentar a Escola “Modelo” Benedito Leite e o Liceu Maranhense, antes de trilhar para Belém, Rio de Janeiro, Paris, e mesmo tendo viajado o mundo assumindo cargos e cátedras, nunca se eximiu de dar atenção ao seu estado, e, sobretudo, à sua cidade natal, São Luís, a qual dedicou 14 dos

seus 26 romances. Josué Montello tornou-se, em vida, um homem preocupado com a formação intelectual dos jovens maranhenses. Esta inquietação está evidenciada na seguinte epígrafe emoldurada em placa que ornamenta o interior da casa em que residiu, transformada em centro de cultura e propagação da riqueza literária desta nossa terra: “Ao doar esta biblioteca ao Maranhão nada mais faço do que colocar ao alcance das novas gerações, os livros que me ajudaram a realizar a vocação literária que levei daqui, como o privilégio de ter nascido em São Luís”.

A literatura produzida no estado do Maranhão teve seu auge de reconhecimento, primeiro no século XIX, por ocasião da geração de filhos desta terra, que, na ausência de uma instituição de ensino superior, seguiram para estudos nas universidades de países europeus, sobretudo na França, na Inglaterra e em Portugal. Foi a geração conhecida por “Os

Maranhenses” que junto aos “Emigrantes” efervesceram a vida literária maranhense, ecoando Brasil a fora a riqueza das produções em diversos gêneros. Faziam parte: Gonçalves Dias, Sousândrade, João Lisboa, Sotero dos Reis, os irmãos Azevedo, Raimundo Correa e outros.

Outra geração de destacáveis literatos, “Os Novos Atenienses”, pretendeu reafirmar a valorização da gloriosa literatura maranhense do período da “Athenas Brasileira”. Eram: Antonio Lobo, Fran Pacheco, Nascimento de Moraes, entre outros que, inclusive, fundaram em 1908 a Academia Maranhense de Letras.

É fato que década após década, o cenário cultural e intelectual, bem como o político e o socioeconômico, vem indicando uma decadência. Chega-se (até por certa falta de curiosidade) a questionar: onde estão os Gonçalves Dias, os Graças Aranhas e João Lisboas de nossa atualidade? Quem são os

novos Azevedos, Sousândrades e Maria Firmina dos Reis? E eis que essa grande e merecidíssima celebração, não apenas do centenário de nascimento de Montello, mas o reconhecimento de um incomparável legado nos atualiza de que nossa literatura é viva e atuante, agora nos poemas de Ferreira Gullar, José Chagas, Bandeira Tribuzi, chegando a Zeca Baleiro, Luís Augusto Cassas, entre muitos outros.

Josué de Sousa Montello é, entretanto, digno de admiração e, porque não dizer, devoção?! É dentre tantos maranhenses o que mais revelou esta terra ao país e ao mundo. É um mestre. Um homem cuja obra já o consolida no patamar de “clássico”. Por isso, nesse momento digno de solenidade uno minha voz à daqueles que verdadeiramente amam, preservam e propagam a nossa brilhante história literária, que tem em Montello, seu maior representante.

Jacob do Patrocínio



NO BANCO DA PRIMAVERA

Ela estava no mesmo lugar de antes, o mesmo lugar que havia dito pra outras pessoas e de onde desde então, não deu sequer um passo. Esse lugar era primavera, e era tão aconchegante que qualquer movimento seria demais pra um corpo só, ou dois, ou uma vida inteira. Ela estava neste lugar e ao lado dela havia um poço, nunca se soube se era da chuva, do esgoto, quer dizer algumas pessoas sabiam que as vezes ela chovia e tinha lodo e era suja, mas por fim, limpava.

Aquele lugar que era bonito, sorridente, que tinha sol e chuva, era onde alguém resolveu colocá-la, pensar em sair? É verdade, ela pensava. Mas nunca saía, porque haviam dito que não era a hora, aliás, a hora nunca chegara, e quando quase chegou, foi repelida, afastada, cuspidada, degradada. Ontem eu passei pela praça, era tudo amarelo, pois é tempo de ipê, eu

a avistei de longe e sabia que ela estava em outra posição sem nunca ter sequer, saído do lugar. Ela me acolheu sorrindo porque um dia descobriu com uma criança quer rir era ninho, dava um sabor especial ao encontro. A gente mal conversou, de fato ela pouco falava porque ouvir sempre foi melhor, pro outro, claro.

Mas depois disso, depois desse encontro silencioso e de termos trocado tantas lembranças que ela devia lembrar bem mais que eu, ela me deu um empurrão e cá estou, no mesmo banco da praça que ela pra sempre sentou. Era primavera e de repente nevou.

Analú



DE MÃOS DADAS

Era uma tarde de sexta-feira em São Luís, o trânsito estava infernal, buzinas atordoavam a mente de todos que passavam em frente a um dos shoppings da cidade. A parada de ônibus para variar estava lotada. Claro, estava se aproximando o horário de pico. Na parada, pude observar as pessoas que nela estavam. Uma mulher a minha direita, magra, com seus cabelos presos e com ela umas sacolas de compras de um supermercado em suas mãos. Sua afeição era de aflição. Percebia-se o quanto ela ansiava por um ônibus para ir para casa. Logo atrás de mim, havia um casal de senhores conversando como se não houvesse o amanhã. Eles colocavam o papo em dia. Um pouco mais a frente, havia os vendedores de churros, de caldos de ovos e aqueles que a todo instante entram nos coletivos tentando ganhar seu pão de cada dia. Havia outras pessoas na parada. Havia pessoas magras, gordas, brancas, negras, altas e baixas. De todos os , jeitos, formas e essências. Mas nada disso, naquela tarde de sexta, em um horário de pico chamava a atenção de ninguém. A noite caiu rápido. Casais passavam a todo instante para fazerem caminhada. Outros entravam no shopping e outra parcela ia à faculdade. Com o passar do

tempo, nem eu, nem a mulher da sacola de compras ou o casal de senhores que colocava o papo em dia conseguimos entrar no coletivo. Apesar de saber que ônibus em São Luís é que nem coração de mãe, sempre cabe mais um. Mas ao longe, perto da faixa de pedestre que fica a direita da parada, um pouco depois de um retorno, veio se aproximando um casal de mãos dadas conversando como tantos outros que passaram durante toda a minha estadia naquela parada de ônibus. O casal, feliz, passou por entre os vendedores ambulantes, da mulher que segurava aflita suas sacolas de compras e do casal de senhores que conversavam felizes naquela tarde já noite. O casal passou e tudo mudou. Por um instante já não havia tristeza pela demora do ônibus. Não havia mais a aflição pelo peso das sacolas. O que era uma conversa feliz se transformou em um cerramento de testas do casal de senhores. O que era uma conversa de um vendedor para convencer a moça a comprar seu produto virou um riso debochado sobre o casal que apenas passava pela rua de mãos dadas. Primeiro a mulher de sacola nas mãos virou imediatamente, acompanhou o casal que passava com seus olhos fitos e simultaneamente balançou sua cabeça em sinal de negação a situação. Já o casal de senhores, atrás de mim,

com os rostos cerrados bradaram covardemente logo após a passada do casal:

- Que absurdo! Onde nosso mundo irá parar?

O carinha, que a todo instante tentava vender seu produto, se aproximou de mim, junto com outra mulher, apontou com os lábios a situação, riu debochadamente junto com a mulher e disse:

- Que mundo é esse. O mundo esta muito atualizada para o meu gosto. Tá tudo errado.

A mulher que estava ao seu lado concordou. Outras pessoas da parada concordaram. Outras preferiram não falar.

Eu em contrapartida, só conseguir ficar feliz pelo casal que só andava de mãos dadas na rua. Não vi nada de errado ou de absurdo em ver dois irmãos andar na rua com as mãos dadas. Algo que nenhuma lei proíbe. Mas mesmo assim fica a reflexão:

“Nem tudo parece o que é.”

Fora Temer



Tempos atrás numa conversa entre amigos, depois de algumas cervejas, falávamos sobre segurar a onda. Em um primeiro momento, pareceu ser sobre antes de começar amar, mas a discussão calorosa indicou que "segurar a onda" era sobre o amor que já existe... É aquela história de segurar a barra que é gostar de alguém.

Ocorre que algumas coisas não acontecerão com a gente exatamente como pensamos. Algumas histórias, mesmo com todo esforço, vontade e dedicação, não se tornarão reais. Por maior que seja nossa vontade, desejo e paixão, aquele clichê de que "algumas coisas não são pra ser" se respalda em nós, logo em quem sempre preferiu a exceção à regra; e aquele amor inesperado, promissor, simplesmente fica no caminho.

Apesar dos planos, das táticas, das apostas para que essa paixão tome forma e ser aquilo que tanto se quis, um turbilhão de outras coisas conspiram contra, dificultam os

encontros e enfraquecem a empolgação; a gente continua tentando por tudo que 'poderia ser'.

Mas aí chega àquela hora em que a gente simplesmente para. Não é que o amor acabou que se deixou de gostar, nada disso. Só a ficha que caiu. A ficha que diz que só amor não basta pra juntar duas pessoas, que vais ter que economizar energia para as coisas da vida, que tem mais mundos pra explorar, e muito serviço a ser feito. É a vida que tem que seguir, a gente aprende que o caminho continua depois dos términos e frustrações e, durante muito tempo, será preciso carregar a bagagem do amor que não se concretizou. Percebemos que um amor maduro é igualmente doloroso a um amor adolescente. Segurar a barra é isso, aceitar que, às vezes, será necessário parar de insistir no amor, mesmo amando ainda, mesmo querendo muito, mesmo com todos os planos para o futuro. É preciso deixar correr, deixar ir, aceitar que tem vida depois que a tempestade passar, segurar barra por um tempo, até uma manhã de

sábado quando se percebe leve e recupera a capacidade de ver beleza nas amenidades, na empolgação e nos outros sorrisos.

S. K. C. P.



O DESPERTAR

Acordei cedo, como de costume, peguei o jornal e depois fui comprar pão. Uma coisa eu nunca entendia: o porquê de tanta correria, ainda nem tinha amanhecido direito e já havia várias pessoas carregando suas bagagens rotineiras e guardando os sonhos para serem executados quando encontrassem um tempo livre. Pouco a pouco eu podia notar que a rua ganhava cada vez mais pessoas sonolentas e apressadas e, para variar, eu também faço parte dessa constante euforia, mas nada de mais, sempre acordo neste mesmo horário e faço as mesmas tarefas no início da manhã.

Durante o trajeto até a padaria, fui me preparando para enfrentar mais outro dia rotineiro e chato, mas algo dissipou esta ideia da minha mente, algo que não fazia parte daquele padrão ofuscou qualquer noção de tempo. Uma personagem jamais vista nesta peça teatral da minha vida reacendeu em mim uma coisa peculiar. Naquele momento, pude sentir o gostinho do céu. Nunca tinha visto tão bela criatura que de uma só vez arrebatou o inverno e o transformou em verão. Quem será esta figura que apenas com sua presença mandou embora a automatização? Ela surgiu

como um eclipse, fazendo-me pairar. Ela me desestruturou, mexeu com minha mente e meu coração, quando eu menos esperava, quando eu só ia comprar pão.

Veja que maluquice, de acordo com minha programação, o trajeto da padaria até minha casa não demoraria sequer cinco minutos, porém admirando aquela estupenda figura, eu nem me atentei para o tempo, ela andava graciosamente, sem pressa, diferente dos demais, sorria e abraçava o mundo com os olhos. Parecia tudo uma cena de filme bem pensado até ela sair daquele local e deixar apenas o brilho tênue do seu olhar e seu perfume doce no ar, fiquei bobo só de ver, mas o que fazer? Não podia deixar essa criatura no mundo se perder.

Depois que o efeito estátua passou, corri e fui atrás, mas nada foi possível fazer, eu era incapaz de qualquer coisa, incapaz de sequer me pronunciar, porque o despertador tocou e me dei conta eu estava apenas a sonhar.

Depois deste sonho, dei mais atenção ao que a vida me oferece. Sair do automático é sempre bom e fazer aquilo que gosta sempre te deixará melhor e isso despertará a atenção de outras pessoas que infelizmente ainda se prendem a estas correntes capitalistas, Porém

talvez você seja a chave certa para libertá-las
dessa cadeia faceira.

Henrique Martins



ENCANTADA ALCÂNTARA

Foi estupendo viajar para uma cidade de ruínas cheias de histórias. Foi como se a cada lugar conhecido nos levasse a regressar ao passado. Alcântara. Encantada cidade de Alcântara!

Ah, que belas igrejas possuístes! Suas fachadas belíssimas e interiores ricos de arquitetura. O sorriso esplêndido dos moradores/cuidadores ao ver jovens sedentos pela história. Pelo lugar. Pela cidade. Pelos detalhes.

Aquelas mulheres que ainda sustentam uma história de anos com a arte de fazer utensílios com a cerâmica. Aquelas mãos que já estão cheias de marcas, de narrativas, de trabalho. Aquelos olhos brilhantes que carecem de alguém que olhe para elas e enfatize as suas memórias.

O que dizer da vista que temos ao entrar em uma rua e avistar o vasto território de água salgada que rodeia a cidade. E no horizonte ver a nova e, também, a velha São Luís. Alcântara possui sutilezas que outras cidades não as têm. Detalhes mínimos que te acolhem e faz querer voltar.

Há a coreografia ensaiada pelos guarás para tirar o fôlego de muitos que navegam para

chegar ali. O bater das asas, o realce da sua cor em contraste com o pôr do sol. Um espetáculo deslumbrante.

Ainda poder prestigiar a Lua Cheia e as ondas que vieram fazer companhia ao regresso para a Ilha do Amor. Um céu iluminado por essa estrela e na frente, luzes que a cada minuto se faziam mais nítidas, avisando que a Atenas brasileira estava próxima. E de Alcântara, trouxe a saudade, as memórias de momentos ímpares e retratos de lugares fabulosos.

Antônia Lopes



Contos

DESEJO CARNAL

Eram épocas como aquela que ficariam na história, quando homens guerreavam pelo que acreditavam e o sangue manchava quaisquer resquícios de pureza criada pelas mãos do Deus pelo qual diziam lutar. Ámon era um destes homens, com suas roupas fortes e a cruz escarlate estampada no peito, peregrinara em direção a terra prometida. Eles precisavam, precisavam tomar o que lhes era de direito! Estavam dispostos a entregar suas vidas se fosse necessário, e Ámon de certo entregara a sua. O sangue aos poucos espalhava-se por sua pele e se pronunciava nos dedos que pressionavam o local atingido sob a cota de malha, agora quase tão vermelha quanto o símbolo que remetia a Cristo. Ámon pressionou os lábios em uma linha fina, expirando na brisa fresca daquela manhã. Onde estava não sabia, não importava, afinal era de seu total

conhecimento o destino ao qual chegaria de qualquer maneira. Ele caminhava para a morte. A rota entre as árvores era silenciosa, as folhas farfalhavam apenas sob seus pés pesarosos, então quando outros passos causaram tais ruídos o homem logo ergueu os olhos. Uma bela mulher estava parada alguns poucos metros a sua frente, sua pele levemente bronzeada pelo sol e os cabelos quase pretos emolduravam belos e amendoados olhos dourados. Ele não sabia ao certo se eram mesmo desta cor ou era sua imaginação, talvez o sol sobre eles os fizessem reluzir. As pupilas da dama cintilavam na cor do mel.

— Por qual motivo traz tanto sofrimento em tua face, meu bom senhor? – ela sorriu com seus lábios vermelhos.

— Não trago sofrimento – ele respondeu, recostando-se em uma grande rocha, seu peito denunciava o cansaço e os últimos sopros de vida vindos de seus pulmões – Não sinto

qualquer arrependimento, mas a dor não me permite outra expressão.

— É impressionante, não concorda? – a desconhecida segurou ambas as mãos em frente ao corpo – Em momentos de dor e sofrimento a própria carne denuncia o que o homem insiste em esconder.

— Ora, não me moleste com pensamentos abstratos – Ámon jogou uma das mãos ao vento, com certa grosseria – Não vê que estou à beira da morte? Não passarei meus últimos segundos a tentar entender-te, tu, que nem conheço.

A mulher apenas abriu mais seu sorriso, e por um segundo o cavaleiro teve a impressão de ver um brilho cintilante tremeluzir em seus olhos claros. Sem aproximar-se diretamente, ela caminhou para a sua lateral e parou, levando a mão para entre os franzidos de seu vestido armado. De entre dobras de pano vermelho escuro uma maçã saiu firme em seus dedos. A

desconhecida levou a fruta até os lábios e os tocou de maneira singela.

— Eu posso salvar sua vida – disse baixo para que apenas Ámon a escutasse. – Estaria disposto a oferecer seu coração?

— És um demônio? – ele murmurou entre os dentes – Apenas Deus pode trazer os mortos a vida, e apenas o próprio Satã ousaria tentar imitá-lo.

— É o que pensa? – riu – Mas o quanto realmente sabe? Sou apenas uma mulher, podes me chamar Lálya se assim desejar.

— Lálya – Ámon repetiu baixo sem pensar. – Quem és tu?

— A paixão – respondeu. – Não sou um demônio, tampouco uma simples humana, busco apenas o amor e o desejo. Há muito entre o céu e o *inferno*. – havia uma estranha entonação ali.

Ámon a ignorou e fechou os olhos, mexendo um pouco os lábios enquanto em sua mente clamava a Deus. Seu sangue fervia em contraste com a pele que aos poucos se esfriava. Iria morrer, como sabia que um dia aconteceria, não ia fugir nem se esconder. Não iria ceder...

— Do que adianta pedir por ajuda enquanto a nega? — Lálya contestou. — Acaso não pedi um simples pagamento para salvar sua vida? Me entregue seu coração.

O cavaleiro fitou seus olhos e ponderou sobre o assunto. E se de fato não se tratasse de um demônio? E se o próprio Deus lhe estivesse dando uma segunda chance? Seria tolo o suficiente para simplesmente negar?

— Como te daria meu coração? — indagou para a mulher.

Ela sorriu e seus dentes caninos agora pareciam estranhamente afiados. Um calafrio correu pelo corpo de Ámon.

— Vocês são como uma maçã – Lálya fitou a fruta em frente ao rosto – Basta que eu a morda como a uma presa e... – a mulher cravou os dentes afiados no exterior vermelho, e dos dois pequenos furos o sangue jorrou pela casca, começando a cair sobre a grama enquanto manchava a pele de seu rosto e de seus dedos.

Ámon franziu o cenho e repreendeu-se mentalmente. Aquilo não seria coisa de seu Deus!

— Foi bom te conhecer – a mulher falou e seus olhos brilhavam – Agradeço por sua contribuição.

O homem não conseguia compreender o que ela estava falando. Recostou a cabeça na superfície rochosa e suspirou, deixando que o último sopro de vida se misturasse ao vento, restando apenas um corpo gélido sob o sol. Lálya deixou a fruta seca cair na grama e seguiu seu caminho, passando ao lado do corpo morto. Em seu interior sentia novamente a completude



que se esvaia quando a fome lhe tomava. Fora bom encontrar aquele homem já desacordado na floresta, e tivera sorte em poder utilizá-lo antes de seu sonho tornar-se eterno. Por toda a conversa sugara sua vida e seu sangue, aos poucos guiando-o para a perdição. *Desta vez foi fácil* – pensou.

A vampira pôs a mão esquerda na casca de uma árvore alta e a arranhou com o dedo polegar. As árvores a sua frente formaram um arco, liberando uma estrada de terra que a levaria de volta a sua terra. Por um último momento virou o rosto para trás, para o corpo ensanguentado e frio. A sua própria continha carne e sangue, mas estava amaldiçoada, embora não soubesse o motivo. Enquanto mesmo aquele humano falho e sem vida que havia sucumbido ao desejo era iluminado pelo sol, Lálya agora – sem escolhas como quando nasceu – caminharia para a escuridão.

B. H. L. C.



O ÚLTIMO VAPOR

Eram 6 horas da manhã, mas a mulher não levantava de um longo e tranquilo sono, ao contrário, deveria recolher-se ao leito que silenciosamente a chamava na madrugada. Ela jogou o pó de café na água fervente e em poucos minutos derramou o líquido escuro em sua xícara de porcelana, uma que ganhara em um aniversário qualquer, em algum lugar do passado, das mãos de um atual desconhecido. Tinha certeza.

Seus cabelos longos começavam a ficar ensopados em sua nuca, mas a mulher não se importou em prendê-los. Estava acostumada ao ar parado das manhãs naquela região, onde sequer uma brisa percorria suas paredes por pelo menos uma hora antes de o sol alcançar seu ápice. Sentou-se à mesa da cozinha e repousou a xícara na madeira lisa em sua frente, sem retirar a mão. O vapor subia de um jeito descansado, fazendo com que o cheiro



invadissem suas narinas. Lembrou-se de certa vez em que, absorta em seus pensamentos, ficou a observar o fenômeno até que cessasse, quando o café já esfriara. Para a jovem mulher fora terrivelmente deprimente livrar-se do líquido quase intocado, como se não valesse nada. De fato não lhe valia a pena requeimá-lo.

Ela encarou a peça entre seus dedos, naquele dia prometera a si mesma que se tornasse a repetir o erro jogaria também a xícara no lixo, afinal era apenas uma de sua coleção. Aquela que segurava na manhã abafada, por exemplo, lhe fora dada por um antigo amigo de seu primeiro serviço. Ah, agora lembrava. O rapaz lhe deu o presente dizendo que muito combinava com a jovem. Realmente, os desenhos em retângulos azuis pareciam com os pequenos quadros que tinha mania de colecionar na época. Sorriu em nostalgia, sem entender o motivo pelo qual mantinha aqueles objetos, que apenas pertenciam ao passado.

Eram marcos de sua vida, de cada detalhe vivido e abandonado, e neles ainda usufruía de sua companhia predileta em dias como aquele.

A mulher não era adepta a drogas, as renegava com todo o seu ser. Álcool não entrava em seu organismo, e a única fumaça que rodeava seu rosto era a que subia do fogão. Mas café... isso fazia parte dela, quase chegava a se misturar ao sangue em suas veias. Qual o motivo? De onde viera esse hábito? Forçando as lembranças a se manifestarem conseguia algumas imagens borradas. As silhuetas e sombras eram uniformes, mas a angústia que sentia era profunda, algo que para sempre a acompanharia. Era apenas um estopim, algo que a derrubara sobre o chão de forma drástica. Toda a cena se encerrava ao nascer da manhã, onde ela, com o rosto ensopado de suor e lágrimas, preparava com as mãos trêmulas uma xícara de café. Não era sua primeira, mas em se tratando de significância era sua primogênita, a

qual mais tarde seria a primeira de suas concubinas.

O líquido era escuro, e preenchia seus olhos de mesma cor. O gosto era amargo como os sentimentos que nutria, e o vapor lhe transmitia uma paz quase fúnebre. A cafeína a mantinha desperta e já se escondia por trás de cada sorriso forçado no rosto pálido. Era parte de sua vida.

A jovem mulher mantinha o olhar estático, balançando apenas os dedos do pé. Sentia pelo toque que o líquido já estava morno e era hora de tomá-lo, mas pensou se não deveria livrar-se dele junto ao recipiente suado e cozinhar um novo. Os últimos fios de vapor já subiam quando a campainha da casa tocou. Ela sorriu com os olhos baixos e largou a xícara ali, sem mais pensar. Foi rápido até a pia e pôs água para ferver. Uma xícara se pronunciava na beira do armário, e foi esta mesmo a escolhida. A mulher colocou-a sobre a mesa, ao lado da

outra, e foi sorrindo abrir a porta, porque não precisava afogar-se sozinha. O afogamento transformava-se em nado.

B. H. L. C.



ESTRANHO DO QUE ME ERA FAMILIAR: HÓSPEDE X PARASITA

Foi na horta de meu avô que a vi. Sem fumar um *narguilé*, ela era um bicho bastante simpático, a meu ver. De certa forma, creio eu, não era um devaneio, nem acreditei que pudesse estar num sono profundo como *Alice no país das maravilhas* e, que avistava a enorme lagarta azul, mas esta sequer estava em cima de um cogumelo.

Custei um pouco a entender o que se passava na folha da rúcula, onde o inseto multicolor e rastejante habitava, ele deveria estar a manducar algumas folhas. Não mais que de repente, uma vespa que antes estava a polinizar uma flor, voou em direção à lagarta que estava sossegada na folha se alimentando, e sem pedir licença pousou em suas costas. Sem hesitar, o inseto ficou imóvel, portanto a vespa rompeu o silêncio e disse:



– Vou tomar seu corpo emprestado dona lagarta, a mãe natureza disse-me que seu organismo é repleto de nutrientes e meu filhote vai ficar bem alimentado com eles. E a lagarta replicou:

– Eu não concordo que meu corpo seja um abrigo para sua cria, mas se foi a mãe natureza quem proferiu, estou de acordo. Após eclodir sua larva, saiu.

Na semana seguinte, ao retornar ao quintal, notei que a lagarta estava exaurida, entretanto aparentava estar esperançosa, arrastando-se pela folha com um ar de estreiteza. Na terceira semana, pronto para suprir minha curiosidade fui eu ao encontro do inseto, e pela minha surpresa ela murmurava as seguintes palavras:

– Estou morrendo! Estou morrendo, mãe natureza! E continuou – Deixo aqui minha matéria e dou vida à pupa daquela vespa inconsequente.



De repente, a larva se metamorfoseou (pois pude ver pelo movimento do corpo da lagarta), um pouco assustado com tal situação, pude perceber outro inseto emergido do corpo dela, fiquei abismado porque só tinha visto isso quando assisti *Alien*, de Ridley Scott, quando um alienígena em estado larval é inserido num corpo humano do qual se alimenta até sair pelo abdômen e matar o hospedeiro.

Dias depois, voltei à casa de meu avô no final de semana. Minha avó havia recolhido algumas folhas de rúculas para a salada do almoço que comemoraria seus 64 anos. Então, matutei a respeito do caso que observara há algumas semanas. Quando o banquete foi servido, compreendi (ou talvez pensei que tivera uma epifania) do porquê daquela vespa ter depositado sua larva naquela pobre lagarta.

... E foi assim que naquele domingo festivo, entendi que na natureza uns morrem para que outrem nasçam – Será que o nascer é dor até para os *Filo Artropoda*?

Agora sabia bem mais do que se tratava
o fenômeno biológico chamado parasitoide
que, sequer havia aprendido na aula de Ciência.

O EXTRA



O MUNDO AZUL TURQUESA

Em uma bela tarde de sábado, uma estrela cai do céu, na direção central da cidade de São Luís. Sem saber que rumo seguir, totalmente perdida, ela encontra um artista e começa a fazer várias perguntas ao mesmo, com intuito de saber sobre o planeta em que estão.

Ele, totalmente preocupado, olha nos olhos dela, fixamente, e diz:

– Você é uma linda estrela. Por que não solta essa timidez e deixa essa preocupação de lado? Aqui vai ser bom para você. Gostará muito daqui, você vai ver.

A estrela respondeu: – Muito obrigada! Sou assim mesmo...

O artista perguntou-lhe:

De onde você vem linda estrela?

A estrela respondeu:

- De um mundo logo ali, que começou vermelho e ficou azul turquesa. Lá ocorreram muitas brigas, destruições, desastres... Tudo de ruim. Quando a paz chegou, a cor azul turquesa dominou e ficou tudo tranquilo.

– Sério? – indagou ainda o artista.

– Sim...

– Então, eu já devo ter conhecido esse mundo antes...

A estrela questionou:

– Se achas que já passastes por meu mundo, o que tens de lembrança de lá?

O artista respondeu:

– Muita coisa boa; por exemplo, o gosto pelas artes, a apreciação da leitura... Aprendi a me comunicar e a absorver um conhecimento musical incrível.

A estrela, encantada, comentou:

– Sim, você, realmente, passou por lá; inclusive você já viveu lá... Só que não foi selecionado para aperfeiçoar seu conhecimento em um planeta chamado Terra... Inclusive, acho que vim fazer o mesmo; por isso, vim parar aqui.

O artista indagou:

– E agora, estás feliz?

A estrela respondeu:

– Sim! É tão bom fazer novos amigos! Ainda mais quando se tem interesses em comum.

Afinal, tem um pouco de azul turquesa em torno do nosso corpo e nós nos conhecemos bastante.

O artista retrucou:

– Na verdade, sim. Em volta do nosso corpo tem muito azul turquesa e somos habitantes do mesmo planeta. Espero que possamos viver bons momentos aqui na terra.

J. G. O.



DIAS DE UM ADOLESCENTE

Fosse pelo que fosse, acho que sempre tive uma mania quando se trata de lembrar coisas que me marcaram profundamente, e foi num desses dias em que o tédio nos consome até os ossos que me lembrei de algo. Lembrei como o sexo e as mudanças que acompanham a adolescência são sempre coisas que nos aterrorizam, muitas vezes nos maravilham, mas na maioria nos aterrorizam e comigo não foi diferente. Tinha quinze anos quando dei o primeiro beijo, e sobre isso eu lido bem até hoje, não tive muita pressa em muitas coisas, e achava, e de certa forma ainda hoje acho, que as meninas não sentiam muita atração por mim. Mas um belo dia aquilo que nos parece impossível acontece, eis aí uma das belezas da vida. Neste ponto tudo caminha bem e tudo são descobertas.



Após comemorar com alguns amigos íntimos, nunca tive muitos a quem confiasse meus segredos, eu me sentia praticamente um homem, embora não soubesse que quando se trata de mulheres, não importa a idade somos e sempre seremos meninos. Essa foi uma lição que um dos meus tios fez questão de me ensinar. Um dia quando fui à sua casa para ver meu primo, ele fez questão de me dar uma carona até em casa e conversou comigo, com certo interesse é bom dizer, a respeito das minhas aventuras e dos meus sonhos, acho que via algo de promissor em mim, algo que nem eu sei se existe, e talvez hoje em dia, nem ele ainda veja isso.

Enquanto estávamos em seu carro ele me perguntou se os estudos iam bem, disse-lhe que sim, tudo ia bem, estava cursando o primeiro ano do ensino médio, a escola era nova, tinha novos amigos e as notas eram muito boas. Hum, e as namoradas? Ele me perguntou,



respondi, com vergonha é claro, que já tinha tido alguma experiência, mas não tinha nenhuma namorada. Com um sorriso amigável, e talvez um pouco cínico ele continuou: já comeu alguém? Sempre achei, e acho até hoje, que essa palavra nunca cai bem quando se trata de relações, mas eu estava ao lado de um homem maduro, quase quarenta anos, pai de dois filhos, trabalhador honesto, pouco estudo, mas que aprendeu muito com a vida, homem exemplar, e ao mesmo tempo, um cafajeste de primeira, daqueles que quando se conversava pela primeira vez e encarava seus olhos claros já se podia fazer alguma ideia a respeito. Então, sim, após ficar um pouco nervoso, respondi que não: não, tio, ainda não comi ninguém.

Meu tio era um homem vivido, ele sorriu amavelmente comigo e disse que não tinha problema, que ele já sabia. Não tem problema, eu sei que não. Tu é um bom menino, eu sei, sempre se preocupando com os estudos,



e tá certo sobre isso, mas escuta, filho (às vezes ele me chamava assim) a vida também não é só estudar, tem que aproveitar também. Teu pai já te ensinou isso? Eu lhe respondi que não, na verdade lhe disse que meu pai, era um homem inteligente, mas que não conversava muito, ainda mais sobre meninas. O fato, o que aprendi até hoje eu acabei aprendendo sozinho. Meu tio ouvia atentamente cada palavra e vez ou outra respondia com um sorriso fino feito uma faca. É verdade, ele disse, teu pai é bem diferente de mim, mas não te preocupa, deixa que nessa parte eu te ajudo. Quando ele me disse isso já estávamos na frente de casa, morávamos relativamente perto, e ele me perguntou antes de descer: vai lá em casa amanhã? Assenti que sim. Ótimo, disse ele, vai lá que amanhã a gente tem uma missão. Perguntei o que era e ele disse pra não me preocupar, eu sorri, pedi-lhe a benção e desci do carro: tchau, filho, disse ele antes de partir.



O que se seguiu depois foi banal, jantei com meus pais e irmã, assisti TV, chequei as atividades da escola, li algo antes de ir pra cama, escovei os dentes, dei boa noite aos meus pais e deitei, mas antes, é bom ressaltar, não parei de pensar no que meu tio disse, mas decidi esperar e ver o que aconteceria. No dia seguinte fui à escola: cabelos penteados para o lado, blusão, calça, tênis, risos, descompostura e a minha paixão adolescente, que nem preciso dizer que não se realizou, ela era linda e de uma beleza que teria saído das páginas dos romances indianistas: tinha cabelos castanhos escuros, com algumas mechas loiras, pele morena, olhos castanhos arredondados, um sorriso desconcertante e uma personalidade forte, seu nome... acho que no momento é irrelevante. E quanto a mim, bem... eu estava sendo apenas eu. Voltava todos os dias ao meio dia e pensava em seu sorriso, nunca disse nada e assim o foi, como muitas outras paixões que tive e fiz questão de guardar só pra mim.

Voltei pra casa, troquei de roupa, tomei banho, e antes de almoçar, costume diário, peguei meu violão, arranhei alguns acordes e cantarolei algumas canções que até hoje estão vivas na memória. Em seguida almocei, contei a todos como foi na escola e após algum tempo, avisei aos meus pais que iria à casa do meu tio. Eles não tinham nenhum problema quanto a isso, inclusive, gostavam muito da relação que tinha com o resto da família. Então, após descansar o almoço, saí de casa enquanto minha família cochilava preguiçosamente nas redes que ficavam na varanda da casa.

Chegando lá, meu tio estava de serviço, assim, como de costume, fiquei conversando com seu filho. Falávamos de tudo: meninas, livros, filmes, histórias em quadrinhos, música e tudo o mais que fosse possível imaginar, devo dizer que realmente aqueles foram bons tempos, bons tempos que infelizmente não voltam mais, e é melhor que continue assim. As



horas caminharam, e mais ou menos ao entardecer ele chegou, eram quase cinco e meia da tarde. Ao longe já se podia ver o anúncio do pôr do sol e o espetáculo que era ver os campos que cercavam a cidade nesse horário. Meu tio entrou calmo, silencioso e muito atento, foi direto ao quarto, tomou banho, trocou de roupa, foi até a cozinha, comeu alguma coisa e me chamou: vamos? Caminhei em direção à porta, ele chamou a esposa, disse alguma coisa, não ouvi, mas deve ter dito que sairia comigo e não se demoraria. Fomos até o carro, mais uma vez conversamos e ouvi seus conselhos.

Meu tio tinha ótimas histórias, sempre falava de sua infância difícil, mas feliz, de como trabalhou muito e conseguiu tudo o que tinha, e também de como não resistia às mulheres que vez ou outra conhecia. Lembro que uma vez, um de seus amigos comentou comigo que, no bairro onde morava, o meu tio já havia comido quase todas as mulheres da redondeza, fossem



elas casadas, solteiras, jovens, ou mais velhas, palavras dele não minhas, mas até aí, eu não duvidava de nada.

Enquanto estávamos no carro ele me dizia: filho olha só, pra a gente ser homem nessa vida, meu pai sempre dizia, a gente tinha que fazer algumas coisas, entre elas – a gente tem que ter palavra, sem isso não se vive – e a outra é comer de vez em quando uma égua, uma cabra ou algum outro bicho, isso antes de comer uma menina novinha. Tu já fez isso? Não preciso dizer que naquele momento eu não teria melhor palavra pra definir minha cara do que vergonha. Dessa maneira só lhe acenei negativamente com a cabeça, porque naquele momento a voz me faltou. Tem vontade? Perguntou ele, mais um aceno negativo. Tudo bem, disse ele, isso em meio a um de seus sorrisos. Se não quiser não precisa, mas a menina a gente arruma.

De fato, eu nos meus quinze anos, e sendo um bom leitor de muita coisa, ainda não

me sentia capaz de argumentar contra qualquer ordem ou pedido que meu tio me desse. A sua experiência de vida e seu bom humor me deixavam sem defesa nenhuma. E foi após essa promessa, e alguns minutos no carro, que nós chegamos a uma casa que ficava num outro bairro, longe da minha casa e da casa do meu tio.

Chegamos, disse ele, olha só, eu venho de vez em quando aqui, e tenho certeza que tu vai gostar, não precisa ficar nervoso e nem com vergonha, eu conheço todo mundo aí, e o pessoal já sabe o que vai acontecer. Naquele momento só o que eu podia fazer era confirmar, por meio de gestos, tudo o que ele me dizia, eu estava nervoso demais para dizer qualquer coisa. Antes de descermos do carro ele me entregou um preservativo, sabe usar? Disse ele. Sei sim, era mentira, nunca tinha chegado perto de um antes. Tudo bem, disse, só mais uma coisa, quando começar, pode deixar ela fazer



tudo, qualquer coisa, só não deixa ela beijar na tua boca, entendeu? Honestamente eu não fazia ideia do que ele dizia, mas concordei.

Ao descermos do carro, imaginei que estaríamos chegando num bar, ou algum tipo de puteiro, mas não, era apenas uma casa normal, uma rua normal, poucas casas ao redor, e tudo parecia bem simples, na verdade tudo era um pouco pobre. Mas até aí não sabia se ficaria mais nervoso ou mais calmo, porque não sabia o que me aguardava. Foi aí que meu tio adentrou a casa e eu o segui. No instante seguinte avistei uma mulher muito bonita, aparentava ter uns 27 ou 30 anos, não lhe daria mais que isso, seus cabelos eram de um negro que se destacava, era de estatura média, seu rosto era fino, delicado e tinha olhos cheios de afeto, ao passo que também eram muito sedutores. Eles se abraçaram, cochicharam algo e ela me fitou. Por um momento senti um calafrio, imaginei que meu tio me tivesse



arrumado um encontro com aquela mulher, já passavam das seis e meia, fazia um clima agradável, mas eu suava frio. Foi quando uma jovem apareceu, ela não deveria ter mais que dezoito anos, era baixa, rosto arredondado, tinha cabelos cacheados que mantinha presos num coque, olhos vivos e curiosos e uma expressão que não escondia segundas intenções.

Foi nessa hora que tudo fez sentido e eu senti um alívio momentâneo, meu tio me havia levado para ficar com a mais jovem enquanto ele ficaria com a mais velha. Disse que senti um alívio momentâneo e assim o foi, pois logo notei que ela era mais velha, e eu um jovem de quinze anos que nunca havia me deitado com ninguém, muito mal havia dado um primeiro beijo. Soube que naquele momento experimentaria a maior vergonha da minha vida.



Meu tio se aproximou de mim, me disse que estaria no outro quarto e que eu deveria ficar calmo, fingir o máximo de tranquilidade que pudesse e confirmei todos os seus conselhos. Ele caminhou em direção ao quarto, com a sua companheira, se virou para mim e disse baixinho: não esquece o que eu falei. Meu tio sumiu e eu não fazia ideia do que ele queria dizer. Por um momento senti náuseas e achei que ia vomitar, a jovem se aproximou de mim, perguntou se eu estava bem, assenti que sim e ela carinhosamente me estendeu a mão: vem.

Segundos depois estávamos no seu quarto, tudo muito simples, um guarda-roupas, uma cama, um espelho pequeno na parede, uma bolsa no canto do quarto, a casa não tinha pintura e nem reboco. A jovem, que já me parecia bem experiente, pediu que eu me sentasse na beirada da cama, obedeci, sem dizer uma palavra, ela trancou a porta, por um momento me senti estremecer, ela se



aproximou de mim calmamente, me sorriu, e devo dizer que não foi cinicamente, senti um pouco de sinceridade em seu sorriso, talvez ela soubesse do jovem inexperiente à sua frente.

Calmamente a jovem tirou a blusa que vestia e deixou os seios à mostra, pra mim é difícil dizer, mas já tinha visto seios em filmes, no entanto, nada se compara com a realidade. Seus seios eram bonitos, pequenos e firmes. A moça me sorriu, segurou a minha camisa e a tirou. Fica calmo, disse, logo em seguida ela desabotoou minha bermuda e me despiu, acho que seria desnecessário dizer que senti vontade de me esconder, nunca tinha estado nu diante de qualquer pessoa ainda mais uma menina. Tentei pensar em algo, mas só o que conseguia pensar era em como aquela minha imagem devia parecer ridícula. Não olhei para baixo, e tampouco olhei para a moça, fixei meus olhos para o alto e tentei não encará-la, notando a minha vergonha a jovem sorriu, um sorriso



jocosos, como se quisesse que eu soubesse que ela sorria, e após perceber que eu a ouvia ela disparou: o teu pau é maior que o do teu tio. Se aquilo foi um elogio, eu não pude encará-lo de tal forma.

Logo em seguida a moça estava despida, e eu pude notar o quanto era bonita, tinha curvas discretas, mas que lhe davam certo charme, e no que concerne à beleza feminina, as palavras nunca são suficientes para traduzir tal mistério, os poetas e músicos tentam sempre, mas aí está uma tarefa que talvez nem o próprio Dante conseguiria realizar com maestria em seus versos, pois entre narrar a beleza do coração feminino e fazer uma representação do inferno, esta última tarefa parece bem menos impossível de ser realizada.

O fato, é que eu me encontrava deitado em sua cama e a moça se aproximou gentilmente do meu rosto, naquela altura eu já não sabia mais o que devia fazer, e como nos

filmes que eu assistia, e achava que era a melhor representação da vida, num rompante a beijei, notei que não foi a melhor decisão, pois ela se afastou e perguntou: o que tá fazendo? Eu só lhe disse que achava que era o que devia fazer, ela sorriu, e me correspondeu o beijo, e após alguns segundos ela me disse, deixa eu que digo o que é preciso fazer.

O que vem a seguir é possível ser imaginado: a moça me beijou os lábios, em seguida o pescoço, depois o meu peito, desceu até o abdome até chegar as partes mais intimas, nunca havia sentido nada como aquilo antes. Minutos depois ela me perguntou se eu teria preservativos, respondi que sim, sabe como usar? Não pude nem mentir que sim, ela sorriu e disse que poderia mostrar como se colocava, depois de alguns segundos senti como se tudo o que eu achava que sabia fosse um grande monte de nada. Naquela hora algo em mim havia mudado senti uma espécie de tremor que



parecia começar nos dedos dos pés e terminava no último fio de cabelo, senti minha respiração acelerar e todo meu corpo ficar rígido até que eu respirasse profundamente e caísse num cansaço incontrolável. Ainda me sentia o mesmo, mas com algo diferente, algo que não sei se até hoje sei dizer o que é. Não nos demoramos, acredito que seja algo que aconteça com os inexperientes na maioria das vezes, o quarto era quente e ao terminar eu já estava banhado de suor. A jovem me sorriu e disse que eu poderia tomar um banho e assim o fiz, ela me entregou uma toalha, peguei minhas roupas e esperei alguns minutos até que o meu tio voltasse, ao contrário de mim, ele aproveitou bem o seu tempo.

Enquanto esperava pelo meu tio na sala de estar, criei coragem e perguntei como se chamava, ela me sorriu e disse que eu não precisava saber, não discuti, perguntei se aquela era sua mãe, ela disse que sim. Perguntei se ela

gostava do que fazia, ela me olhou mais uma vez e sorrindo me disse que há coisas que valem a pena ser contadas e outras não, sua segurança na resposta me deixou um pouco tímido, percebendo a minha postura, ela disse que não precisava me preocupar com nada, aquilo pra ela era normal, e que eu havia me saído bem. Um pouco desconsertado lhe sorri em agradecimento, foi nesse momento que meu tio saia do quarto sorrindo e conversando baixinho com a sua companheira, ele segurou meu ombro: vamos? Acenei com a cabeça, e o segui nos despedimos das moças e entramos no carro.

Enquanto manobrava o carro, meu tio sorrindo me perguntou: e aí? Como o foi? O que achou? Eu não conseguia manifestar o mesmo entusiasmo dele porque ainda estava tentando digerir tudo, mas pra cada uma das perguntas eu lhe respondia um tímido “sim senhor”. Meu tio sorria, e por entre seus sorrisos, dizia, a menina é muito boazinha, bem sabida, pedi pra ela

cuidar bem de ti. Se sente um homem já? Não sentia nem um pouco, mas menti dizendo que sim, me sentia diferente, mas não o suficiente pra dizer que era um homem. Tá certo, me disse ele, agora tu já sabe como é. Dei-lhe um sorriso desconcertado e disse que sim. Agora eu vou te deixar em casa e voltar pra minha também, tua tia tá me esperando pro jantar, eu confirmei que sim e seguimos nosso percurso.

Meu tio parou em frente à minha casa, lhe pedi a benção, mas antes de ir ele me interrogou: ah, sim. Mais uma coisa, usou camisinha não foi? Sim senhor, lhe disse. Tá certo. Deus te abençoe. Desci do carro fui em direção ao portão, quando ele me chamou mais uma vez, dei meia volta e ele, abaixando o vidro do carro, me perguntou: não beijou a boca dela não é? Sem vacilar eu lhe respondi: não senhor.

João



O QUINTAL DE MARIA

Maria. Mãe e temente a Deus, crê que Jesus também a ama.

Mulher de força e coragem, trabalhadora e confiante no que faz.

Grata pela simplicidade, pela vida pacata e gostos singelos, porém, grandiosos no seu pequeno mundo.

Sua pequena casa, sem grandes coisas, reflete seu jeito doce de ser.

Maria traz em sua essência o cheiro do campo na palma de sua mão. As plantas espalhadas no quintal parecem sentir o toque maternal.

Seu pequeno jardim regado com muito amor, tesouro maior não há, em meio à cidade grande.

O gosto pela natureza, o aroma das frutas, lugares sombreados e desejo constante de contemplar o pôr do sol, transcendem ao pequeno jardim.

Açaí e acerola, ameixas e bananeira, no pequeno quintal, inspiram as mais doces lembranças vividas nos tempos de criança.

Bancos, troncos, plantas e flores encontram seus lugares no pequeno jardim de Maria.

Solidão, Maria jamais sentiu, pois tinha sempre à mão seus maiores companheiros: um livro, uma caneta e um papel.

Doce Maria, sempre grata pela simplicidade, o pequeno quintal e os sete filhos, pois, certamente, ao fim, jamais sentiria desamparo, se preciso fosse.

Maria deixou seu legado e, com uma caneta deixou registrado “Grata Senhor, por eu ser assim”.

MAGDA MEREB



UMA FOTO NEGATIVA

Ele acendeu um cigarro, era um desses baratos, mas, não fazia mal, continuava a ser um cigarro e isso matava, por ora, o seu desejo de consumi-lo.

Click.

A foto continuava a sair errada, após tanto tempo. Sabe, a arte de tirar fotos requer um dom. Você não faz uma faculdade e aprende, a essência das coisas são explicadas, mas não são absorvidas. Para se tirar fotos, sim, precisa ter mais que vodka com suco no sangue, precisa muito mais do que uma música de fundo, a luz do ambiente... precisa-se sentir o momento.

Click.

Click.

Click.

Quem tem esse dom não consegue parar quando começa a tirar fotos. Tome uma dose de vodka. O homem de gravata simplesmente não tem ideia do que está acontecendo, não se importa. Bebe mais uma dose, servida por quem tira a foto e por quem as quer tirada. Sente um tédio devastador pelo fato de ficar ali, servindo de isca para algo bem maior do que uma máquina de fotografar e suas fotos.

— Vai demorar? Preciso sair.

—Não. Não vai demorar.

—Hum. Muito bom. Envie por correio.



—Ficarão prontas daqui pouco tempo. Não vai esperar?

—Como disse, preciso sair. Desculpa, mas não o posso fazer.

—Tudo bem. Sei que não é da minha conta, mas estas fotos vão para algum jornal?

—Não. São para a minha editora.

—Um livro, então.

—Sim.

—Do que se trata?

—Literatura visual.

—Literatura Visual? Hum... interessante.

Outro copo de vodka e várias fotos haviam surgido. Algumas com muitas sonoridades, já outras, com um tanto de melancolia, entre mortes súbitas e alegrias inesperadas, fatos menos importantes da vida cotidiana de pessoas despercebidas do que é vivê-las. Contou-me sem querer pela cor dos olhos que algo estava diferente, já com o pescoço, um soneto cheio de indiferença, coisa difícil de demonstrar, sendo que um soneto é sempre tão lírico, no entanto... um homem pode ser aquilo que deseja ser, mesmo sendo aquilo que não é.

Acendeu outros tantos cigarros, a fumaça pairava sobre o ar, abaixo do teto, rodeando os cantos da sala, impregnando o sofá e as cortinas, deixando seu cheiro de perfume doce, feminino, enfumaçado, nos adjetivos do ambiente.



Para que tudo isso? Ele saiu em vinte minutos de interação com a câmera, era muita vida contida em apenas um negativo. Desejo seu, pois, deveria ser colorida, todavia, ele queria que eu tirasse uma foto de sua alma. Sabe, para capturar uma aura, algo sobrenatural do corpo mortal, se precisa ver com olhos da alma. As cores não podem ser as que capturam as pupilas, mas tem que se saber que não o fizer negativo, nada ocorrerá. Porque o real está sempre escondido dos olhos comuns, o preto não será preto, na sua intimidade ele quer ser branco, assim como o mal, que mata e rouba as almas, mas que no fundo, ele não quer ser ruim, só quer ser aceito como o é, ter uma alma só sua e não carregar o peso de todo o inferno em suas costas, ele precisa ser perdoado. No negativo, a alma se mostra na penumbra da foto, como se quisesse deixar ali uma mensagem, ela não se mostra por completo, ela deixa rastros. A parte negra se dizia antes ser clara, mas, fora fundida de muitas outras cores para que isso ocorresse. Significa que tudo tem que ser desvendado, desse modo, os detalhes, são com um ponto de fuga feito de pontilhismo em tinta óleo. Ele não entende nada disso, e nem nunca vai entender, mas existe muito mais a se dizer nas fotos do que se pensa um mero livro.

—Tome mais uma dose. Quero que veja algo.

—Não posso me embriagar. Tenho que sair.

—Achei que quisesse ver algo seu.

—Tipo o que?



—O seu retrato.
—Como o de Dorian Gray?
—Pode-se dizer que sim, contudo, acho que sua alma não foi vendida ao diabo, então, você poderá olhá-la sem morrer facilmente. Estou certa?
—Acredito que sim.
—Não tem tanta certeza?
—Talvez eu tenha vendido algo de mim, mas não sei se foi a alma.
—E o que seria? Ou melhor, para QUEM seria?
—Devo responder?
—Seria bom.
—Meu amor. Ao dinheiro.
— Entendo.
—Entende? Achei que você tirava fotos porque é seu dom se manifestando. O que sabe sobre isto?
—Você já deixou pago, lembra?
—Sim. E você cobrou caro.
—Meu trabalho é esse, e não disse em momento algum que seria fácil.
—Então você separa seu dom inspirado do momento obrigado?
—Eu uso meu dom a meu favor, assim como você, porém, a câmera se move sozinha quando parte de algo maior do que eu. Ela encontra o ângulo só, como se o soubesse há muito tempo. E eu sempre tenho certeza de quando faço um trabalho por essência, e não porque o

quero fazer. Deus fala comigo por meio de imagens.

—Emocionante. Deus fala comigo por meio de letras. E agora eu falo com o mundo por meio delas. E falo muito quando se trata da minha editora.

—Fique parado agora... ou não.

Click.

Click.

Click.

—Terminei.

—Ótimo, já estava na hora.

—Está ultima... borrou.

—Apague, então.

—Desculpa, não o posso fazer.

—E porque não poderia?

—Tirei em negativo...

—E daí?

—Ainda sobrou uma...pena...

Ele ficou ali parado. Sua respiração não mudou nenhum pouco, parecia surpreso, mas, não o suficiente. Sorriu de canto, levemente acanhado, contudo, uma vergonha mal escondida. Levantou-se, pegou o terno pendurado atrás da porta, veio até a câmera. Olhou a imagem em negativo. Era uma câmera digital, por tal razão poderia ser vista a foto no ato. Apertou o botão “excluir” antes que eu pudesse impedir.

Olhou em meus olhos e saiu pela porta a fora. Pretendia correr atrás dele, não poderia terminar aquela sessão de fotos daquele jeito.

Quando cheguei a porta, porém, apenas uma pena no chão. Cinza. Sedosa. Leve. Gasosa. Surreal. Evaporou-se segundos depois.

Peguei a câmera e tentei olhar as fotos tiradas de uma sessão de uma hora e vinte.

“nenhuma foto armazenada”

Nada!

Nada!

Espere. Uma foto. Apenas uma. Havia uma pena atrás da cadeira de pernas compridas, a qual o próprio estava sentado segurando uma dose de um líquido vermelho-negro. Olhos cinzentos, cabelos brancos ate os ombros. Os óculos de aros metálicos redondos não saíram na foto. Suas pupilas reluziam uma luz interior que não vinha deste cômodo. Estava pensativo com se não estivesse ali. Tudo a sua volta estava cinza ou branco. Mas, sua sombra aparecia. A câmera dizia que a foto tinha um tamanho de 720mb, o que eu sei, é totalmente impossível, mas o que dizer?

Mais uma dose de vodka.

Descarregar a câmera.

Imprimir mais uma única foto negativa.

O celular estava sobre a mesa, deveria ligar imediatamente, precisava saber o que estava havendo. Precisava de uma resposta. De mais uma foto...negativa.

Caleb Morrison



CARTAS PARA ALICE

Era de se pensar que o tempo nos fosse meio que imortal, não acha? Quando nos vestíamos sem ajustes, quando acreditávamos em um amor, ah, um amor calmo e eloquente. A vida sempre nos correria como um paradoxo que sabíamos de nós; cartas de amor mal planejadas, rabiscos de nós em nós mesmos; tradição nossa de sempre nos desenharmos em algo que fosse de nós. Contudo, não fora assim que o tempo nos concedera nossa imortalidade. O que é ser imortal para você? Ora e outra nos perguntávamos isso sorrindo entre os amigos, estes não percebiam que nos beijávamos com os olhos em sua presença; nós éramos o que éramos, complexos e indecifráveis.

Contudo, quanto a mim o amor passou. Queria eu acreditar que um dia isso não iria ocorrer. Eu não senti para tanto, e você não pode ver o quanto eu era assim, você não pode me entender enquanto frequentava minhas estranhas fantasias. E então me veio aquela pergunta, aquela que certamente chega a todos com a nossa idade.

“Quando o amor morre?”

Eu respondo a você agora, Alice.

Não sou um poeta, nem nunca fui. Mas como um telespectador de mim mesmo, eu devo ser fiel ao máximo que posso ser me vestir com minha melhor roupa e sair para lavar o esgoto da minha vida, porque eu devo-me ser original em tudo sem que escapem detalhes de mim para o nada. Por que fora dessa casa vazia, viviam nossas lembranças, figuras ilustradas em postes e cafés, onde o amor se armazenava como se fosse um rastro de Deus nas coisas todas. Mas o amor morria aos poucos, coisas miúdas, pequenas como grãos de areia do deserto. E o frio nos consome, mas sentimos calor. E o amor não sobrevive em meio a esse choque térmico de emoções mal sentidas e ofuscadas por intrigas de um para o outro e ciúmes bobos inexistentes.

O amor morria, então, enquanto assistíamos filmes de terror, onde o sangue era enfatizado até se tornar real, porém, quem morre não sente mais nada após morrer. O amor morre quando bebemos um vinho branco em um restaurante chique na Village. O amor morre enquanto as mãos úmidas se desgrudam por nojo, a falsa necessidade, faz calor entre os dedos, mas a libido de o querer sentir é tão fria quanto as geleiras do Himalaia.

E então o amor morre; aquele telefonema mal-acabado, porque você desligou? O amor morre quando o coração pulsa por uma carta indefinida de uma história não vivenciada por um estranho intrometido. Os ventos da liberdade se sentem presos em uma garrafa do controladorismo, o amor morre preso e sufocado quando sair de casa é como ir para o limbo. O amor morre, sim, ele morre; o cinema já não será mais com antes, não se possui filosofia o bastante para entender que a luz se projeta na tela, pois, não se trata de filosofia e sim de física, mas para o amor, — este que morreu antes do fim do filme que não era romântico, mas se o fosse não faria diferença —há metafísica em pensar em tudo isso?

O amor morre, minha cara Alice. Não se pode evitar o que já fora escrito, escrito por alguém em algum canto. Uma cartomante ou o Deus menino? Às vezes me pergunto se ele de fato era velho ou novo, mas, se o amor morre, então nada mais me importa saber, se a você importa, talvez não morrera, pois, se Deus, está criança que alegra nossos corações ingratos, é feito de amor, ainda há uma esperança de que o seja real. Todavia, o fato de você o sentir, não significa em nada que ainda ame com o amor

que nos foi dado, porque se o amor morre assim, não se pode ressuscitá-lo antes do juízo final, só Deus poderá, então, nos dizer se é justo este amor morrer assim ou se somos merecedores desse amor que matamos sem nos perceber.

O amor morre? Alguém me perguntou um dia. Eu disse: Sim. Se você possui uma arma, atire nele assim que sentir com seus olhos. Caso não o faça, ele se apossará de você com uma alma penada, como um sequestrador na calada da noite, nessas horas em que você se encontra com a mente relaxadamente fraca do dia corrido, irá lhe contar histórias românticas, se deitará em sua cama lhe trazendo calor entre os lençóis, te beijará como a dama da noite, te trará prazer ainda que venha a sentir dor. Será tão feroz quanto um lobo e irá te devorar por dentro e quando se der por isso, será tarde demais, pois, tal como viera, irá. Mas, se não tem uma arma. Se jogue de um prédio, ainda amando, você saberá que o tempo será curto, mas a queda não irá causar dor ou matá-lo, pois, o amor é mais forte que a dor da morte, e se o morre por consequências naturais e fraudadas, destrói teu vaso, mas não tua alma. Esta estará totalmente infectada do amor, e dizem os poetas— O amor, este é imortal enquanto dura.

Contudo, sim!

O amor morre. Quando você se deita calado na madrugada ou quando se levanta, anda sem se saber para onde, corre sem saber como, beija sem saber como; o amor morre sem se saber como. Um inimigo invencível, Alice, quando vem em nossa direção só nos basta render-se. Aceitar, aceitar, aceitar. Aceitar que doerá infinitamente se ele o morre. Não se esquece um amor. Fraco ou forte, muito ou pouco, ele deixa rastros que nem o tempo consegue apagar das folhas de papel amassadas na lixeira do canto do quarto.

E eu tentei te apagar de meus diários engordurados de nosso amor, um amor fictício feito de poesias mal concretizadas, feitas de Vinícius de Moraes e Paulo Leminski. Rasguei sua foto de meu porta chaves, retirei seu sutiã detrás da porta, e seu último vestido, curto, mal cobria a perna, mas cobria uma parte de sua alma carnal, joguei-o fora, dentro de meu guarda trecos, mas joguei-o. O choque maior foi descobrir que não sabia se sentia demais ou de menos, mas sabia que não era mais o amor. Não era mais amor, e se nunca, nunca o fora? E se você fosse apenas uma expectativa de mim mesmo? Eu não sabia mais te deixar, mas não a queria perto de mim, o amor morre quando não

sabemos mais o que queremos dele. O amor morre quando não entendemos o porquê do silêncio quando o que mais se quer é falar de coisas idiotas.

O amor morre! Não á nada que se possa fazer. Ele irá morrer assim mesmo como o veio, sem se dizer, sem se anunciar. Feliz daquele que vê o seu amor morrer e o percebe, que ver a morte vestida de preto com sua foice afiada do destino a caminhar em sua direção. Que ele o pode impedir, a morte impedida é adiada para quem é salvo, mas abre as portas do paraíso para o seu salvador. E será que se vai para o céu se se salva o amor? Eu não sei, Alice. Eu não sei. Mas de tudo que sei, sei que o amor morre.

Está além de mim, de nós, do mundo, desse nosso mundo. Está além do que podemos ser. Está além do que poderíamos ser, pois os deuses todos não nos diriam aquilo que somos capazes de entender; não somos capazes de entender do amor, por tal razão, Alice, o amor morre.

Morre para você e para mim. Morre como um fruto que nunca tivemos a oportunidade de provar, mas que um dia nos acendeu a chama de querer prová-lo. O amor morre. Fato! Não interessa saber mais que isso. Ele somente morre. Porque, quando o escritor não mais escrever, sua musa imparcial se deita

em seu leito intocável de uma mente nunca antes pensada, onde o amor ainda pretendia nascer fictício, fecha os olhos e não mais respira. Morre calada por nunca ter nascido. O poeta? Deixará de sempre ser poeta, não terá nunca um caderno, não sentirá nunca uma brisa, um breve calor na madrugada; não beberá, não fumará, não aceitará o calor das pernas de uma mulher qualquer; não olhará para outros olhos fantasiando uma musa inexistente; não acenderá seu coração, este murchará dentro de sua caixa torácica; respirará pouco, regredindo no tempo que lhe deu um destino concretizado, voltará a feto, na escuridão; não sentirá o amor de sua mãe, não se interessará por uma ligação umbilical; e quando germinado for, morrerá em uma menstruação, sangue de um amor que morreu.

Sim, o amor morre, Alice, quando o poeta que há em nós, somente em nós, não mais o fala em sua poesia e o faz sentir além de si, no coração para quem o dedica. Assim o amor morre.

Caleb Morrison



Curso de Licenciatura em Letras- Universidade
Estadual do Maranhão/ CECEN

Capa e projeto gráfico Nazaré Silva Andrade

